



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR
NOTA 10**

**GREICE HELEN MAGALHÃES BERLIM
PRISCILENE CHAGAS MARTINS
SANDRA DE ALBUQUERQUE ALVES**

**A SAÚDE EMOCIONAL DO EDUCADOR
DO PRIMEIRO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Brasília, 2006

GREICE HELEN MAGALHÃES BERLIM – ra 4035205/0
PRISCILENE CHAGAS MARTINS – ra 4035462/7
SANDRA DE ALBUQUERQUE ALVES – ra 4035507/3

**A SAÚDE EMOCIONAL DO EDUCADOR
DO PRIMEIRO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10.

Orientador: Odiva Silva Xavier – Doutora em Educação.

Brasília, 2006

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.

Paulo Freire.

Dedicamos este trabalho a todos os profissionais em educação que se dedicam verdadeiramente à construção de um trabalho de qualidade.

Agradecemos a DEUS pela realização deste trabalho, por ter nos dado a coragem necessária para superar os obstáculos encontrados ao longo dessa caminhada e principalmente por abençoar o que nossas mãos tocam.

Agradecemos a VIRGEM MARIA, por nos amparar e nos colocar embaixo de sua poderosa proteção.

Aos NOSSOS FAMILIARES, que muitas vezes abriram mão do nosso convívio, no entanto, nunca deixaram de nos apoiar e nos incentivar.

Aos NOSSOS AMORES que tiveram a sabedoria de nos acompanhar no silêncio, dando colo nas horas de choro, dando carinho nas horas de angústia e dando, a cima de tudo, uma demonstração de amor incondicional.

Aos NOSSOS MESTRES, que muito contribuíram para o nosso crescimento pessoal e profissional, em especial a professora Odiva Silva Xavier, que nos ensinou que a sabedoria transcende as tribulações da vida e faz a pessoa alcançar a serenidade.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a saúde emocional do professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental de escolas públicas do Distrito Federal. A pesquisa é de natureza qualitativa, mas a análise agrega dados da pesquisa quantitativa, de modo que as duas abordagens possam se complementar, favorecendo a compreensão da temática. Além da pesquisa teórica, recorreu-se à modalidade da pesquisa empírica. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário com várias questões fechadas e algumas abertas, aplicado a 20 professores, para identificar traços da Síndrome de Burnout; fatores que mais interferem na prática docente e estratégias adotadas por esses professores para se manterem em equilíbrio emocional. Os resultados apontam que o modo como o trabalho é realizado interfere no bem estar emocional do professor. Mostra também que, além de sinais da exaustão emocional manifestado entre os professores pesquisados, da despersonalização e do envolvimento pessoal no trabalho, há outros fatores que interferem negativamente na saúde emocional do professor como: infra-estrutura precária, baixos salários, o desrespeito e a falta de valorização à figura do professor e a falta de limite do aluno. A partir da análise destes e de outros resultados que a pesquisa apresentou, conclui-se que a saúde emocional dos professores pesquisados mostrou um quadro que inspira cuidados pessoais e, sobretudo, institucionais. Trata-se de uma amostra pequena, mas constitui um indicador forte de que é preciso cuidar das condições de trabalho do professorado do Distrito Federal. Portanto, faz-se necessária a continuidade dos estudos acerca do tema envolvendo profissionais de várias áreas.

Palavras-chave: Saúde emocional - fatores estressores - educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	35
3.1. Caracterização dos sujeitos.....	36
3.2. A saúde emocional do professor a partir da Síndrome de Burnout.....	37
3.3. Exaustão Emocional.....	38
3.3.1. Envolvimento Pessoal no Trabalho.....	42
3.3.2. Despersonalização.....	47
3.4. Fatores que incomodam o professor e interferem em sua prática pedagógica.....	50
3.4.1. Problemas no âmbito da sala de aula.....	50
3.4.2. Problemas referentes aos sistemas sociais.....	54
3.5. Meios encontrados pelos professores para manterem-se bem emocionalmente.....	57
3.5.1. Em relação aos problemas evidenciados em sala de aula.....	57
3.5.2. Em relação aos problemas evidenciados nos sistemas sociais.....	59
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
APÊNDICE.....	69

INTRODUÇÃO

No contexto atual das escolas públicas percebeu-se o elevado número de professores que apresentam mal-estar físico como dores de cabeça, dores musculares, problemas gástricos, entre outros.

Em pesquisa realizada por Silva, Elias e Santana (2005), em um estabelecimento de ensino público, no ano de 2004, foi registrada a entrada de 247 atestados médicos.

O professor é um ser humano, e como tal, é dotado de afetividade. E assim sua saúde emocional pode sofrer influência do meio em que está inserido. Esta saúde emocional pode ser abalada pela dinâmica das classes, falta de infraestrutura dos estabelecimentos de ensino, salas de aula superlotadas, falta de recursos didáticos e outros.

Todos estes fatores podem ser geradores de um mal-estar emocional no docente. É comum esse mal-estar manifestar-se por meio de dores de cabeça, tensão arterial elevada, insônias e complicações no sistema gástrico.

As manifestações apresentadas são logo relacionadas a um mal-estar emocional. Este mal-estar pode ser caracterizado pelas mais variadas definições, como por exemplo: stress, esgotamento, frustração, ansiedade, tensão, depressão, neurose e o próprio mal-estar emocional.

Destas definições a mais usada na linguagem cotidiana do professor é o *stress*. Este termo envolve vários sentidos. Um deles é “*estado de tensão, frustração, ansiedade e depressão, experienciados pelo sujeito como resultado de factores que envolvem a profissão docente*” (KYRIACOU; apud JESUS, 2000, p. 233).

Este conceito de mal-estar docente pode ser definido como “Teacher Burnout”, termo proveniente da literatura anglo-saxônica, para definir os problemas dos trabalhadores que desempenham profissões ligadas aos serviços sociais, consideradas “profissões de alto risco”.

O termo *Burnout* é definido por Maslach e Jackson (apud CODO, 1999, p. 238) “*Como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos*”.

A partir desse quadro, sentiu-se então a necessidade de se investigar, de modo específico, as condições emocionais do professor de acordo com a Síndrome de Burnout, uma vez que esta se caracteriza como o resultado do stress laboral crônico (CODO, VASQUES-MENEZES, 1999).

Existem vários autores que se mostram preocupados com a afetividade do aluno e com o seu desenvolvimento acadêmico, porém poucos são os que tratam da saúde emocional do professor, principalmente da chamada síndrome de Burnout.

Segundo Wanderley Codo, professor da Universidade de Brasília e coordenador de uma pesquisa sobre a síndrome de Burnout em todo o Brasil, realizada em 1999, não se pode considerar a síndrome de Burnout fora do contexto sociocultural em que vive o educador.

O mesmo autor expõe que os baixos salários, a ausência na vida familiar, o excesso de trabalho, o quantitativo de trabalho que é feito em casa, a tensão gerada pelo clima de violência presente nas comunidades periféricas são tão causas de Burnout quanto à quebra do vínculo afetivo professor-aluno.

Entende que trabalho também é fonte geradora de bem-estar, e como tal influência diretamente a vida cotidiana da pessoa. Assim o trabalho deve ser fonte de prazer e satisfação para propiciar harmonia e equilíbrio à vida e não desprazer ou descontentamento.

Considerando esse quadro preocupante entre os professores da rede pública de ensino do Distrito Federal e partindo dos pressupostos acima, o grupo responsável julgou importante investigar as causas desses afastamentos. Daí vem a pergunta: O que estaria afetando a saúde emocional dos professores a ponto de fazer com que eles sintam tais desconfortos?

Desse modo este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo maior investigar fatores relacionados à saúde emocional do professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Do desdobramento deste objetivo, surgiram algumas pistas para a busca de dados e análise dos resultados, os quais se expressam nos objetivos específicos que buscam: detectar os fatores que interferem no bem estar e na prática pedagógica do professor; pesquisar as condições em que o professor desenvolve seu trabalho e os meios encontrados por eles para administrar tais problemas e se manterem em equilíbrio emocional.

Espera-se que esta pesquisa possa trazer uma compreensão sobre o emocional do professor, e uma contribuição para uma melhor qualidade de vida e de trabalho dos docentes.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Educação é uma palavra que provém do latim “... *educatio que, além de instrução, também significa ação de criar, alimentar, alimentação, criação. Educador vem de educator : aquele que cria, pai, que faz as vezes do pai*”, (CODO e GAZZOTTI, 1999,p. 49).

A atividade de ensino já foi vista como função de alto valor social, já foi interpretada como um “dom”, um “sacerdócio”, já foi valorizado por todos os cidadãos. Nos últimos tempos, com o predomínio e a expansão das relações capitalistas, essa atividade foi perdendo este sentido e se assumindo perante a sociedade como uma atividade pública. Um dos fatores que ocasionou esta mudança foram as modificações promovidas pelas novas formas de compreender a prestação de serviços, dentre eles a educação, que se orientou, sobretudo, pela lógica do modo de produção capitalista, especialmente na perspectiva do modelo neoliberal atual (CODO e GAZZOTTI, 1999).

A função primeira do professor consiste em educar a outra pessoa. Mas será que a tarefa de educar se resume à escola? Não se sabe onde começa nem onde termina a educação. A educação não está em um lugar, ocupa todos os lugares. Não tem um início ou um fim, acompanha cada ser humano desde o princípio da vida até o último suspiro. Não tem um autor, é obra de todos com quem nos encontramos e de quem nunca nem ouvimos falar. (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999).

Recorrendo aos mesmos autores pode-se caracterizar o ato de educar “(...) *como um ato mágico e singelo de realizar uma síntese entre o passado e futuro. Educar é o ato de reconstruir os laços entre o passado e o futuro, ensinar o que foi para inventar e re-significar o que será*”. (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 39).

Ser humano significa, desta forma, ser repleto de historicidade. Compreender os gestos e as palavras de um indivíduo significa partir do pressuposto que seus atos estão inseridos em um contexto muito maior, que transcende a ele e a sua existência (CODO e VASQUES-MENEZES,1999).

Estes autores, mais adiante, seguem expondo que é o passado que constrói, reconstrói, explica e re-significa o presente, e todo presente contém o futuro. Ou seja, retomar o passado é refazer os vínculos com o presente, para reorganizar o futuro, e é esta a efetivação do trabalho do professor.

Antes de continuar às questões que tratam acerca da educação e do trabalho do educador fazem-se necessários esclarecimentos quanto ao que vem a ser trabalho. Segundo Ferreira (2000), trabalho é a mobilização de um esforço físico e intelectual para o alcance de um determinado fim, como se pode observar na definição do verbete:

tra.ba.lho sm. 1. Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. 2. Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. 3. trabalho (2) remunerado ou assalariado; serviço, emprego. 4. local onde se exerce essa atividade. 5. Qualquer obra realizada. 6. Lida, labuta. (FERRERA, 2000, p. 679).

Esta atividade humana tem uma importância significativa na vida do ser humano, não apenas como atividade remunerada mas também como fonte de crescimento pessoal.

O trabalho, dentro da vida do ser humano, pode ser visto como fonte de prazer e satisfação. Esta pode ser uma das razões pelas quais ganha tanta importância na vida do indivíduo e também faz com que a maioria dos trabalhadores não perca o desejo de permanecer produzindo, além de ter a oportunidade para constituir-se como sujeito psicológico e social. O ato de ter uma atividade produtiva permite um reconhecimento de si próprio como alguém que existe e tem importância para a existência do outro, transformando o trabalho em um meio para a estruturação psíquica do homem (MENDES E MORRONE, 2002 p. 27).

E quanto ao trabalho escolar? Este é caracterizado pelo fornecimento de conteúdos nos eixos conceituais, procedimentais e atitudinais a uma pessoa. Tem um local determinado, e uma hora marcada para começar e terminar. Passa por uma mensuração e tem uma média atribuída a ele. Esta é a concepção de Codo e Vasques-Menezes (1999).

Os autores Mendes e Morrone (2002) afirmam que as condições nas quais o trabalho é realizado pode transformá-lo em algo penoso e doloroso, levando ao sofrimento. Sofrimento este que decorre do confronto entre a subjetividade do trabalhador e as restrições das condições sócio-culturais e ambientais, relações sociais e organização do trabalho em que o profissional está inserido.

Uma das fontes de prazer ou de sofrimento do trabalhador é o produto final deste trabalho, pois a conseqüência de todo trabalho é o produto deste trabalho, ou seja *“Perguntando pelo produto chegaremos ao trabalhador... Ao entender o produto entendemos muito do trabalhador”* (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p.45). Mais adiante estes autores afirmam (p. 45) que: *“Desta forma o homem passa a ser reconhecido, pois o produto de seu trabalho o imortaliza e assim ele constrói sua identidade”*.

E quanto ao professor? *“Qual é o produto do professor?... O professor transforma o outro através do outro mesmo, sem mediações. O seu produto é o aluno educado, é a mudança social na sua expressão mais imediata”* (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p.45).

Tomando como exemplo a mesa do marceneiro, ele a faz e ela permanece intacta e nela podem-se recuperar os gestos que a realizaram. O mesmo não ocorrerá com o produto do trabalho do professor, uma vez que o aluno se transforma na mesma velocidade em que o professor o transformou. Observa-se que o trabalho do educador tem uma dimensão histórica que é posta imediatamente a sua frente. Após cada aula ele, seus alunos e o mundo são outros. Seu trabalho é imediatamente histórico. Para o professor se reconhecer é

preciso que o outro o reconheça, segundo a visão de Codo e Vasques-Menezes (1999). Estes autores seguem afirmando:

Raros e felizes são os momentos em que é possível reconhecer no aluno a marca específica do trabalho. Em um plano abstrato, sim fui eu que o eduquei, ou ajudei a educar, mas em um plano concreto, como saber onde começou e onde terminou a minha intervenção?... O outro se transforma na mesma velocidade em que o professor o transformou (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p.45).

É possível observar que no sistema capitalista a divisão técnica do trabalho ocasiona uma fragmentação do trabalhador, uma vez que este passa a produzir parte de um produto, e não o produto todo, deixando assim de ver no produto o seu trabalho, e conseqüentemente a sua subjetividade.

Mas a educação se encaixa neste modelo capitalista de produção? Quanto a este aspecto este trabalho leva grande vantagem, pois o trabalhador, que é o professor, tem o controle de todas as etapas do processo de educar:

Tudo para ser o melhor porque não há fragmentação no trabalho do professor; é ele quem, em última instância, controla seu processo produtivo: em sala de aula, embora tenha que cumprir um programa, possui ampla liberdade de ação para criar, definir a seqüência das atividades a serem realizadas. Além disso, e o que é mais importante, o professor é dono de seu processo produtivo, participando desde o início ao final de seu processo de ensino (CODO e GAZZOTTI, 1999,p.49).

Entretanto a especificidade do trabalho do professor vai adiante, pois segundo Codo e Vasques-Menezes (1999, p.47), no que diz respeito ao produto do trabalho do professor os questionamentos são bem específicos: o professor não expõe sua subjetividade em um objeto, mas sim em outro ser humano: *“À parte de seu ser que foi realmente objetivada no produto-aluno será sempre alguma coisa difusa para ele e para os outros”*.

Seguindo o pensamento dos autores citados acima, o produto, que é o aluno, será para o professor tão alheio quanto é qualquer produto industrial para o trabalhador da fábrica, *“Embora, dificilmente o produto será sentido como algo estranho, que se opõe a ele”* (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 47). Estes seguem expondo também que:

Em uma palavra, para o educador, o produto é o outro, os meios de trabalho são ele mesmo, o processo de trabalho se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada de História. (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 47)

Percebe-se que o trabalho do professor é realizado por uma relação direta com o aluno e, segundo Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 47), *“Uma relação direta e imediata com o outro é necessariamente permeada por afeto. E é o afeto como componente tácito do trabalho que havemos de enfrentar a seguir”*.

Todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, quer seja na relação estabelecida com outros, quer mesmo na relação estabelecida com o produto do trabalho, Mas, o caso do professor é diferente, a relação afetiva é obrigatória para o próprio exercício do trabalho, é um pré-requisito. Para que o trabalho seja efetivo, ou seja, que atinja seus objetivos, a relação afetiva necessariamente tem que ser estabelecida (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 50).

Uma constante sedução é no que consiste o trabalho do professor, para que obtenha toda atenção por parte do aluno, bem como o interesse totalmente voltado para a aquisição do conhecimento que está sendo transmitido (CODO e GAZZOTTI, 1999).

Todo este investimento afetivo acaba por requerer do trabalhador uma energia significativa, como pode ser observado nas palavras de Codo e Gazzotti (1999, p. 50):

Esta sedução, esta conquista, envolve um enorme investimento de energia afetiva, canalizada para a relação estabelecida entre aluno e professor. É nesta dança, entre sedutor e seduzido, na sincronia dos passos, na harmonia dos movimentos, que o professor transfere seus conteúdos e o aluno fixa o conhecimento (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 50).

O autor António Nóvoa (1992, p. 9) afirma que: *“... não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”*.

Mais adiante o mesmo autor expõe que “... o ensino não se esgota nas dimensões técnicas, apelando ao que há de mais pessoal (e de mais profundo) em cada um dos nós” (1992, p. 9).

O trabalho docente está ligado ao fazer pedagógico propriamente dito, ou seja, o professor como mediador deverá estabelecer um vínculo afetivo com o aluno, pois não basta a capacidade intelectual, a vontade de aprender por parte do aluno, conhecimento e capacidade de transmissão de conteúdos por parte do professor, apoio extraclasse por parte dos pais... Não havendo vínculo afetivo não há aprendizagem significativa, o trabalho se esvai, não se concretizando (CODO e GAZZOTTI, 1999).

O estabelecimento de um vínculo afetivo com o aluno se faz tão importante que os autores citados acima expõem que:

Se esta relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 50).

Sendo tão importante para o processo educativo, Codo e Gazzotti (1999, p. 51) conceituam afeto como sendo: “*A palavra afeto vem do latim affectu (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade*”. E afetividade consiste em: “... conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Anteriormente foi explicitado que o produto do trabalho é marcado pela subjetividade do trabalhador. Quanto a este aspecto Codo e Gazzotti (1999, p. 52), esclarecem que:

(...) O trabalho humano se dá justamente neste terreno de dupla troca entre a objetividade do mundo real, que concretiza o ato para o indivíduo, e a subjetividade do homem, que atribui um significado ao

mundo real ao modificá-lo através da sua ação (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 52).

Objetividade e subjetividade passam a ser definidas, segundo os mesmos autores, da seguinte forma:

A esfera objetiva é a da transformação física, onde a árvore é transformada em cabana para proteger o homem das intempéries da natureza, por exemplo. Mas quando o homem atua sobre a natureza, transformando-a para atender às suas necessidades ele lhe atribui um significado. Esta significação é o que caracteriza o subjetivo no homem, pois abre a possibilidade para que ele possa investir o produto de seu trabalho de energia afetiva.

Objetividade e subjetividade estão presentes no homem, este fato é visível uma vez que, ao mesmo tempo em que o ser humano compartilha a história da humanidade, também tem uma história individual, que se faz única. Ou seja, suas vivências, experiências, frustrações, afetos e desafetos; todos esses aspectos são levados pelo profissional para suas relações de trabalho (CODO e GAZZOTTI, 1999).

Mais adiante os dois autores supracitados expõem que estas duas esferas são inseparáveis na vida diária, porém na sociedade ocidental um grande equívoco que ocorre é o fato de a afetividade e a subjetividade serem considerados aspectos distintos.

A afetividade e o cuidado são analisados por Codo e Gazzotti (1999, p. 53) da seguinte forma:

A mediação da afetividade... O cuidado, por definição, é uma relação entre dois seres humanos cuja ação de um resulta no bem-estar do outro. Podemos chamar esta ação de trabalho porque ela se enquadra perfeitamente em nossa definição anterior; é uma relação de dupla transformação entre homem (no sentido de ser humano que cuida). Na medida em que cuida de outrem, o cuidado se transforma, na mesma medida em que transfere para o outro parte de si e vê neste o seu trabalho realizado (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 53).

“Essas mediações que a profissionalização do cuidado impõe criam uma tensão entre vincular-se versus não vincular-se, onde o circuito da relação homem-objeto não pode ser completado de forma satisfatória” (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 53).

Sobre este aspecto Codo e Gazzotti (1999, p. 54), definem esta dinâmica do seguinte modo:

...Da relação entre a subjetividade humana e a objetividade do trabalho, supomos haver um ponto de equilíbrio que garante que o homem se relacione com o mundo real, concreto, que reconheça a ação como sua e reconheça-se enquanto ser humano, igual a tantos outros e ao mesmo tempo único na sua individualidade... É este equilíbrio que permite que o indivíduo viva em sociedade crie, produza, enfim: construa a sua identidade (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 54).

Dentro desta relação existem trabalhos que apresentam uma maior propensão de desajuste entre a realidade objetiva e mundo subjetivo, o que acarreta uma demanda afetiva muito maior do que as demais atividades de trabalho (CODO e GAZZOTTI, 1999).

Ainda sobre esta contradição de dever e não poder completar o vínculo afetivo do profissional em educação para com o aluno, os autores citados acima afirmam que este fato pode criar no educador um conflito de sentimentos.

Este conflito de sentimentos pode não ser percebido como tal, o que pode acarretar danos mais sérios, passando a ser enxergado apenas quando já se tornou um problema. *“Estamos falando da vivência subjetiva do trabalhador, de um conflito de afetos e sentimentos que ele mesmo não se dá conta de que está sendo vítima”* (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 58).

O quadro descrito acima acarreta uma tensão que não fica estável, ou seja, vai se acumulando e acaba se redirecionando para o próprio corpo do trabalhador. Nesse caso, se a sua mente não vai bem seu corpo segue o mesmo destino, e as formas que este sofrimento se manifesta podem ser observadas no dia-a-dia do profissional, tanto em seu trabalho quanto em sua vida pessoal (CODO e GAZZOTTI, 1999).

É importante destacar que estes autores expõem também que as condições de trabalho são condicionantes da maneira com que se administra as tensões afetivas e, em alguns momentos os conflitos podem ser, ao invés de

negativos, positivos, o que leva a um crescimento tanto profissional quanto pessoal (CODO e GAZZOTTI, 1999).

Existe ainda a possibilidade de um conflito da pessoa com ela mesma, ou seja, um conflito individual. Os autores Codo e Gazzotti (1999) expõem a este respeito a seguinte ponderação:

Muitas vezes a pessoa estabelece metas a serem alcançadas que estão além de suas possibilidades. Esta impossibilidade, entre o desejo de realizar e a impossibilidade (às vezes física, às vezes estrutural) de fazê-lo e se o indivíduo não tem como canalizar esta energia para outros objetivos promove o surgimento dos conflitos internos, que de forma exacerbada conduzem ao sofrimento psíquico e até mesmo, nos casos mais extremos, a psicopatologias, (CODO E GAZZOTTI, 1999, p. 58)

Na opinião destes autores (1999), para se poder solucionar este conflito a resposta pode vir em uma dimensão afetiva e em uma dimensão racional, sendo imperceptível à distinção entre essas duas esferas. Enfrentar as emoções, sentimentos pode ser tão sofrido que pode levar a pessoa a buscar ajuda de psicólogos, terapeutas, entre outros, para que se possa redirecionar estas forças em busca de resolução para o conflito.

Faz-se necessário que se entre no trabalho escolar para se poder entender um pouco melhor o que ocorre com os conflitos do educador. Para tal Dejours (apud Batista e Codo; 1999, p. 74), expõe que a escola se destina à produção de bens do mesmo modo que qualquer instituição de produção de bens ou serviços. E que existe nos estabelecimentos de ensino *“um trabalho como ‘deve ser’ e o que poderia ser mencionado como a ‘realidade do trabalho’”*.

O trabalho como ‘deve ser’ é aquele teorizado, pensado e planejado. Diz respeito aos procedimentos didáticos corretos, os métodos, a utilização criteriosa do ensino, diz respeito à psicologia das crianças e adolescentes, às formas de abordar os alunos ‘normais’, ‘problemáticos’ e ‘alunos especiais’, diz respeito ao funcionamento da organização escola, suas normas, à distribuição de cargos e funções, às relações com os pais dos alunos, etc. (BATISTA e CODO, 1999, p. 75).

Contrapondo-se à ‘realidade do trabalho’ está o trabalho ‘como deve ser’. Ou seja, o que a realidade de seu cotidiano lhe impõe poderá facilitar ou dificultar

seu trabalho como deve ser. Diretamente ligado a esta realidade está a relação entre os profissionais; os recursos, ou falta deles, da escola, violência, tipo de gestão... Neste âmbito é ressaltado por Batista e Codo (1999, p. 76) que:

(...) Estamos perante um tipo de profissão, a educação, que demanda do trabalhador estabelecer vínculo afetivo e emocional com seu trabalho, e por isso os aspectos da 'realidade do trabalho' acima comentados participam agregando ou subtraindo conflitos a um tipo de vínculo que é estruturalmente problemático (CODO e BATISTA, 1999, p. 76).

Permanecendo nos conflitos do professor, é de fundamental importância compreender que a 'paciência', da qual o profissional da educação precisa tanto se valer, para conseguir alcançar as habilidades e competências exigidas pelo Currículo de Educação, é algo que é aprendido em sua realidade de trabalho, no seu dia-a-dia.

O professor precisa ter 'paciência' de mãe para que os alunos consigam passar pelas primeiras etapas do aprendizado. Este trabalho, que decidimos rotular como 'trabalho paciente', resume a contradição da qual é portador. Trata-se de um tipo de trabalho que exige competência profissional e estabelecimento de vínculo afetivo-emocional típico de situações sociais que dizem respeito à vida privada das pessoas (BATISTA e CODO, 1999, p. 76).

Porém os professores não são 'mães' dos alunos. Desta forma um possível controle sobre sua vida privada é praticamente impossível. Percebe-se então uma incoerência que não se resolve, entretanto tem-se que se resolver o afeto e as emoções (BATISTA e CODO, 1999, p. 76).

Esta tensão existente entre o professor e seu objeto de trabalho, o aluno, não vem do nada, ela se instaura uma vez que, segundo Batista e Codo (1999, p. 78), "*O afeto e a emoção necessários para veicular a atividade de cuidar e ensinar aos alunos são um tipo de vínculo que se concretiza sob determinadas condições existentes nas escolas*". Dependendo, então, da realidade de trabalho a tensão pode ser maior ou menor.

Observando-se o estabelecimento de ensino, tem-se antes de qualquer coisa, um local de trabalho, que pode ser considerado uma organização de porte

médio, excluindo as escolas pequenas, que geralmente estão em zonas rurais. A escola tem uma divisão por setores, com pessoal especializada para cada setor além do grande número de clientes que são atendidos por turno de trabalho (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 90).

Os mesmos autores citados acima seguem afirmando que em face do crescimento do setor terciário da economia, do qual faz parte a escola, tem-se uma elevada exigência pela qualidade do trabalho, e esta qualidade por sua vez é diretamente proporcional a qualificação do trabalhador.

No caso da educação, o produto do trabalhador é abstrato, que se constrói o tempo todo durante o relacionamento do trabalhador com o cliente. Como o objetivo de toda e qualquer empresa é a satisfação de seus clientes, no caso específico da educação escolar à satisfação do cliente acontece durante todo o processo.

Podem-se ter duas conclusões:

A primeira é que o nível de exigência e de tensão para o trabalhador é muito maior do ponto de vista afetivo e a segunda é que o trabalhador, em função dessa demanda, precisa estar bem do ponto de vista emocional para estar em condições de desempenhar adequadamente sua função e sempre atualizada para conseguir responder às necessidades dos clientes (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 91).

Sendo o estabelecimento escolar um local de trabalho, o empregador faz uma seleção minuciosa dos seus possíveis contratados, no caso da rede pública de ensino este processo seletivo é feito por meio de concurso público. Uma vez efetivado o professor, a rede pública de ensino oferece-lhe cursos de atualização e capacitação que são ministrados nos horários de sua coordenação.

Tudo para se ter um profissional o mais satisfeito possível, pois é cada vez mais freqüente o número de empresas que acreditam no potencial de satisfação do funcionário para se atingir a qualidade máxima de produção. Como pode ser observado nas palavras de Soratto e Olivier-Heckler (1999, p. 100), “[...] a

satisfação no trabalho já foi considerada como a grande chave para se atingir a produtividade”.

Segundo uma pesquisa realizada pela Universidade de Brasília, coordenada pelo professor Wanderley Codo, em 1999, foi constatado que 86% dos professores da rede pública de ensino no Brasil mostram-se satisfeitos com seu trabalho apesar das dificuldades encontradas (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 100).

Antes de se prosseguir faz-se necessário uma pausa para se conceituar comprometimento.

Na língua inglesa comprometimento (*to commit*) tem quatro grandes significados (*Oxford Dictionary; Webster's Dictionary*): a) a noção de confiar a, colocar sob custódia; b) encarregar, comissionar, designar; c) fazer algo errado, cometer uma ofensa e d) envolver, engajar. Já na língua portuguesa há dois eixos principais de significados (*Dicionário Caldas Aulete, 1980; Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986*): a) a idéia de ocorrência de ações que impedem ou dificultam a consecução de um determinado objetivo, causando enviesamento, dificuldade e b) a idéia de engajamento, colocar-se junto, agregamento, envolvimento, causando produtos ou estados desejáveis (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 101)

Bastos (apud Soratto e Olivier-Heckler; 1999, p. 101) conceitua comprometimento como sendo “... *uma adesão, um forte envolvimento do indivíduo com variados aspectos do ambiente de trabalho*”.

Mais adiante Soratto e Olivier-Heckler (1999, p. 102) discorrem que “os estudos mais recentes sobre o comprometimento organizacional indicam a prevalência de duas abordagens: o enfoque afetivo (ou atitudinal) e o enfoque instrumental”.

No enfoque afetivo o comprometimento é entendido como uma identificação por parte do indivíduo com a organização e seus objetivos, manifestando um desejo de permanência para o alcance destes objetivos (BASTOS; apud SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 103). Estes autores utilizam ainda três dimensões para a definição desse enfoque: “(a) os sentimentos

de lealdade; b) o desejo de permanecer e c) a intenção de se esforçar em prol da organização”.

Já no enfoque instrumental o comprometimento é como mecanismo psicossocial de trocas entre o indivíduo e a organização. O comprometimento é visto como uma função das recompensas e custos associados com a condição de integrante da organização e este o vínculo pode se fortalecer se a organização atender às expectativas do trabalhador (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 103).

Desta forma, estes mesmos autores afirmam que os empregados que apresentam o enfoque afetivo permanecem no emprego por desejo, enquanto os empregados que apresentam o enfoque instrumental permanecem pela necessidade.

Os autores seguem expondo que se os funcionários estão satisfeitos e comprometidos tomam decisões, assumem responsabilidades, são empenhados em suas tarefas, ou seja, se o professor se depara com a falta de giz, porém é comprometido e satisfeito, ele consegue suprir esta necessidade e cumpre seu cronograma. Sendo este um quadro comum no ensino público brasileiro. Reforça-se deste modo o comprometimento dos educadores do Brasil.

Nas palavras destes autores, é o comprometimento que faz com que os docentes convivam com uma das piores organizações que existe, o que acaba por gerar uma contradição, pois organização ruim é igual a trabalhador ruim. O que não ocorre na rede pública de ensino: *“A prova empírica de que erram é que as escolas continuam existindo, os professores continuam prestando concursos, nossos alunos continuam aprendendo a escrever...”* (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 109).

Pode ser verdade que se as condições de trabalho sendo melhores os trabalhadores atinjam um ápice maior com relação a seus resultados.

Existe, de fato, uma alta correlação entre condições de trabalho e satisfação e comprometimento do trabalhador, porque as condições permitem que o trabalhador possa render ao máximo no seu trabalho (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 110).

Um outro aspecto a ser ressaltado é o da infra-estrutura da educação pública. Este aspecto é de fundamental importância uma vez que é na escola que se processa a formação dos jovens cidadãos e, devido a uma proporção direta, quanto melhor a infra-estrutura, melhor a qualidade do trabalho e, conseqüentemente, a qualidade de vida do trabalhador (BATISTA e ODELIUS, 1999, p. 161).

De acordo com as pesquisas do professor Wanderley Codo (1999, p. 167):
“Em nível global esta dimensão de infra-estrutura alcança boa pontuação. Isto significa que a maior parte das escolas dos Estados brasileiros não apresentam problemas de condições ambientais...”.

Na mesma pesquisa, mais adiante, o professor descreve o Distrito Federal:

Um último aspecto a ser comentado refere-se ao Distrito Federal, que ocupa o segundo posto em termos de INFE, e sendo dentre os estados brasileiros um dos que têm melhor performance em termos de infra-estrutura das escolas, ainda assim apresentando problemas...(BATISTA e ODELIUS, 1999, p. 167).

Mais adiante o autor segue fazendo um comentário geral da pesquisa:

A análise mostrou como tendência geral que aqueles Estados com maior desenvolvimento humano são também os que possuem escolas melhor equipadas e vice-versa. Esta situação permite refletir sobre dois aspectos. O primeiro deles aponta a problemática da relação entre os recursos dos Estados e o destino dos mesmos, ou seja, deixa clara a importância dos interesses e das decisões políticas relativas às inversões em políticas setoriais. A segunda questão chama a atenção para a importância da existência dos recursos para se contar com escolas melhor equipadas, embora isto não seja suficiente (BATISTA e ODELIUS, 1999, p. 171).

Como já foi citado anteriormente, quando o indivíduo não consegue adquirir as condições mínimas para sua subsistência, acaba por desenvolver uma baixa

auto-estima. Observando o aspecto salário dos educadores, tem-se o seguinte quadro:

Primeiro os professores são trabalhadores que vendem sua força de trabalho. O preço deste trabalho “... *deve ser igual ao preço que custa para a manutenção e reprodução desta mesma força de trabalho*” (ODELIUS e CODO, 1999, p. 193). E isto é o que será utilizado na sobrevivência do profissional e de sua família.

Uma questão importante é a definição do que seria para o trabalhador um salário “justo”. Neste sentido Odelius e Codo (1999, p. 193) explicam esta problemática da seguinte maneira:

O salário será adequado quando o valor pago ao trabalhador suprir suas necessidades; será baixo quando faltar algo à mesa, ou à biblioteca do professor; será alto quando permitir que se amplie o poder de consumo definido pela cultura e desenvolvimento histórico da categoria, envolvendo alguns supérfluos, ou o que é o mesmo, se amplie o patamar das necessidades desta categoria profissional (ODELIUS e CODO, 1999, p. 193).

Estes mesmos autores afirmam que o cidadão tem o dever de observar e fiscalizar a aplicação das verbas públicas para a educação. Uma vez que o “patrão” que paga e ao mesmo tempo melhora a infra-estrutura é o estado. E se este governante decide investir os recursos disponíveis para a educação em outras áreas, como construção de prédios, os cidadãos devem substituir este governante, por meio das eleições.

Levando em consideração todos estes aspectos já abordados, pode-se afirmar que as condições enfrentadas pelos professores não podem ser consideradas das melhores.

São salas aula com um quantitativo de alunos exagerado, em classes de alfabetização tem-se até 40 alunos por turma. No Distrito Federal ainda se tem escola construída de “madeirite”, falta de materiais de apoio, falta de segurança

nas proximidades das escolas, baixos salários, sobrecarga excessiva de trabalho, dificuldades de reconhecimento social...

Estes fatores acabam por gerar uma descrença em relação à profissão. Esta descrença gera a apatia e o desejo de fuga se instaura na pessoa, fazendo-a desistir de seus ideais profissionais, não porque queira, mas porque não consegue, ou seja, o profissional entra em *Burnout*.

O *Burnout* (esgotamento profissional) foi abordado como fenômeno psicológico em 1974, pelo psiquiatra Herbert Freudenberger, a partir da observação do comportamento manifestado pelos voluntários de uma instituição de drogados (MENDES, 2002, p.45).

Este comportamento se “... caracterizava pela diminuição gradual da energia e perda da motivação e do comprometimento, acompanhadas de sintomas de caráter psíquico e físico” (FREUDENBERGER e RICHELSON, SCHAUFELLI e BUUNK (apud TAMAYO e TRÓCCOLI, 2002, p. 45)).

A estadunidense Christina Maslach, psicóloga social, acabou por se interessar pelo termo para definir o resultado da sua investigação sobre a influência da carga emocional do trabalho no comportamento dos profissionais de serviços humanos (TAMAYO e TRÓCCOLI, 2002, p. 45). A partir deste momento foi que se iniciou o estudo das questões referentes ao stress laboral crônico ou *Burnout*.

Os autores Codo e Vasques-Menezes (1999, p.238) dizem sobre o *Burnout* que: em português é algo como:

(...) ‘perder o fogo’, ‘perder a energia’ ou ‘queimar (para fora) completamente’. É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil.

Esta síndrome afeta profissionais que atuam no contato direto com o público, sendo que profissionais da área de saúde, segurança e educação são

mais suscetíveis (SCHAUFELI et al., apud CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 238). Este autor chega a afirmar que este é o principal problema da educação.

Outra definição para esta síndrome é a aferida por Maslach e Jackson (apud Codo e Vasques-Menezes; 1999 p. 238):

A síndrome *Burnout* é definida... Como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho. O trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, se desgasta e, num extremo, desiste, não agüenta mais, entra em *Burnout*.

Esta síndrome, segundo Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 238) e Tamayo e Tróccoli (2002, p. 46) envolve três dimensões para o seu entendimento, tornando-se assim um conceito multidimensional.

Pode-se citar como primeira dimensão o aspecto de stress individual, que se refere aos sentimentos de esgotamento e fadiga emocional. É a situação gerada pelos trabalhadores quando sentem que não podem dar mais de si mesmos em nível afetivo. Sua energia e os recursos emocionais estão esgotados, devido ao contato diário com os problemas. É a chamada Exaustão Emocional.

A segunda dimensão representa o aspecto interpessoal do Burnout. Caracteriza-se pelo distanciamento e por atitudes de dureza para com os beneficiários de seus serviços. O endurecimento afetivo e o trato das pessoas destinatárias do trabalho com atitudes negativas e de cinismo, 'coisificação' da relação. É a chamada Despersonalização.

A terceira dimensão refere-se à satisfação no trabalho. Retrata os aspectos de auto-avaliação do Burnout, e está associada à percepção de um desempenho insatisfatório no trabalho e um sentimento de incompetência, ou seja "*Falta de envolvimento no trabalho - tendência de uma 'evolução negativa' no trabalho, afetando a habilidade para realização do trabalho e o atendimento, ou contato*

com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização” (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 238). Assim, é definida como sendo a diminuição da realização pessoal no trabalho ou a falta de envolvimento pessoal no trabalho.

A análise destes aspectos deve ser tratada, segundo os mesmos autores citados acima, da seguinte forma:

Cada um dos componentes deve ser analisado separadamente como uma variável contínua com níveis altos, moderado e baixo e não como uma variável dicotômica, onde existe ou não existe a presença do sintoma. Pela combinação do nível de cada um dos três componentes se obtém o nível do *burnout* do indivíduo ou categoria. Deve-se observar que um nível moderado de *burnout* já é preocupante do ponto de vista epidemiológico, sendo passível de intervenção, uma vez que o processo já se encontra em curso (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 238).

Pesquisas internacionais indicam que *Burnout* é o resultado do stress laboral crônico, o que não é o mesmo que stress.

O primeiro envolve atitudes e condutas negativas com relação aos usuários, clientes, organização e trabalho; é assim, uma experiência subjetiva, envolvendo atitudes e sentimentos que vêm acarretar problemas de ordem prática e emocional ao trabalhador e à organização. O conceito de stress, por outro lado, não envolve tais atitudes e condutas, é um esgotamento pessoal com interferência na vida do indivíduo e não necessariamente na sua relação com o trabalho (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, P. 240).

Quando se perdem os recursos pessoais, ou estes recursos são inadequados para se atingir à demanda, ou ainda quando não se tem o retorno esperado, surge então o *Burnout*.

De forma geral, as abordagens do Burnout explicam este fenômeno como uma resposta ao estresse ocupacional crônico gerado pelas características do ambiente laboral e pela discrepância entre as expectativas do indivíduo e a realidade enfrentada no seu trabalho (MENDES, 2002, p.48).

É de fundamental importância observar que o *Burnout* acaba por afetar várias esferas sociais do profissional em educação.

Na esfera trabalho e família, por exemplo, os conflitos são constantes, pois tantas vezes o profissional acaba por ter como verdade que o trabalho rouba-lhe um tempo que poderia estar sendo dedicado ao seu convívio familiar. Não se trata de observar graus de satisfação no trabalho ou na família, trata-se de “... o trabalho exigir tanto a ponto de não sobrar tempo para se dedicar à família” (VASQUES-MENEZES, CODO e MEDEIROS, 1999, p. 255).

Ainda segundo estes autores citados acima, “O problema é focado sob o prisma de como ou quanto o trabalho rouba do tempo que o trabalhador poderia estar se dedicando à família” (VASQUES-MENEZES, CODO e MEDEIROS, 1999, p. 255).

E quando este conflito se torna agudo, sendo vivido dia após dia, pode acarretar em um outro conflito ou ao sofrimento psíquico em *Burnout*. “Então, o que temos? De um lado, a demanda crescente para os afazeres da casa; de outro, as exigências do trabalho; no meio, o trabalhador com seus desejos, projetos, carências, responsabilidades e sofrimentos” (VASQUES-MENEZES, CODO e MEDEIROS, 1999, p. 257).

Outro ponto relevante é o que Menezes e Gazzotti (1999, p. 261) chamam de suporte afetivo. Este consiste nas amizades, em se ter um confidente, nos apoios que um sorriso amigo trás para o ego.

O suporte afetivo “... vem daquelas pessoas com as quais podemos dividir as nossas preocupações, amarguras ou esperanças... trata-se da amizade eletiva, independente da sua origem, mas com o qual se divide o íntimo. Familiares amigos...” (VASQUES-MENEZES e GAZZOTTI, 1999, p. 261). São sempre pessoas especiais, com as quais o indivíduo se sente seguro, confortável e confiante.

Tem-se também o suporte social, que vai abranger as relações sociais entre vizinhos, colegas de trabalho... O suporte social pode vir a se tornar um suporte afetivo uma vez que uma relação de trabalho pode vir a se tornar uma

relação de amizade, desta forma tornando-se um suporte afetivo (VASQUES-MENEZES e GAZZOTTI, 1999, p. 261).

A falta de suporte afetivo pode levar a um grande sofrimento, e este sofrimento se expande além de sua vida privada. Sobre isto Menezes e Gazzotti (1999, p. 263) dizem que: “*O trabalhador ao se sentir sem alternativa para a divisão de suas dificuldades, anseios e preocupações mais pessoais, aumenta sua tensão emocional no trabalho. Nesse campo minado emocionalmente, o burnout se instala*”.

Isto ocorre porque a exaustão emocional, segundo Menezes e Gazzotti (1999, p. 264), “... é a expressão do sofrimento a nível afetivo”.

Soratto e Ramos (1999, p. 273) discorrem acerca da importância do suporte social do seguinte modo “... os relacionamentos interpessoais então entre os principais determinantes de como o ambiente de trabalho objetivo afeta o estado subjetivo do indivíduo”.

A importância do suporte social é reforçada, uma vez que o produto do trabalho docente é construído por vários educadores, pois o indivíduo não é aluno de apenas um professor, mas sim de vários. E a interação destes profissionais é de fundamental importância para a obtenção de um bom resultado final (SORATTO e RAMOS, 1999, p. 274).

Os vínculos entre as pessoas, quando bem estabelecidos podem proteger o professor da síndrome de burnout principalmente em duas das suas formas de expressão: exaustão emocional e falta de envolvimento pessoal no trabalho (SORATTO e RAMOS, 1999, p. 276).

Anteriormente já foi colocada a importância do trabalho para a satisfação do ser humano. Mais uma vez vem se reforçar que “*Não é o trabalho per si que faz mal para o trabalhador, mas os modos como ele se realiza*” (SORATTO e PINTO, 1999, P. 282).

Pegando-se apenas dois aspectos da dinâmica de trabalho dos professores, sendo um deles o quantitativo de alunos por turma e o outro os relacionamentos interpessoais no trabalho, Soratto e Pinto (1999, p. 285) afirmam que pode haver um aumento da carga mental no trabalho. Isto traz então a possibilidade do aparecimento de *Burnout* em dois de seus aspectos: a exaustão emocional e a despersonalização.

Tudo aponta no sentido de reconhecer no educador uma atividade a exigir atendimento, cuidado e atenção constante, específica, particular, um trabalho em que o trabalhador é o “dono” da sua atividade. Se isso faz, por um lado, que seu trabalho não seja alienado, por outro lhe aumenta a carga, a necessidade de esforço de envolvimento. O professor tem a obrigação de estar presente inteiro completo, disponível. Mas vimos que não é este o problema, não está no envolvimento e nem na dedicação a origem da carga mental (SORATTO e PINTO, 1999, p. 291).

Como resultado tem-se um total esgotamento, uma total perda de energia, um desânimo total, ou seja, a exaustão emocional, que aparece acompanhada pela despersonalização (SORATTO e PINTO, 1999, p. 291).

As pesquisas que tratam do stress presente nos profissionais que trabalham direto com o público, confirmam que “*o foco principal do esgotamento emocional se dá a partir de situações corriqueiras que envolvem tanto o educador quanto o educando*” (SILVA, ELIAS e SANTANA, 2005, P. 14).

O resultado do trabalho do professor é a formação do outro, e quando este trabalho é atingido ao seu máximo ele não tem preço. Seus meios de produção estão dentro de sua cabeça, e assim têm-se infinitas possibilidades sem se levar um lápis. Codo e Batista (1999, p. 385) seguem explicando: “*O trabalho do professor é inalienável. Pode ser vendido, mas não tem preço e não pode ser expropriado. É o trabalho em toda a sua magia, em toda a sua potência. É o trabalho perfeito*”.

O burnout é a síndrome do trabalhador espremido entre um trabalho inteiro, grávido de si mesmo e dos outros, e um trabalho mercadoria comprado na esquina a preço de ocasião. O burnout é a síndrome do trabalho desalienado e inalienável... O burnout é a síndrome do trabalhador que experimenta a sensação de ser um Deus e convive com

a privação de um cachorro magro. O burnout é a síndrome de um trabalho que voltou a ser trabalho, mas que ainda não deixou de ser mercadoria (CODO, SORATTO, VASQUES-MENEZES E BATISTA, 1999, p. 392)

Segundo Vasques-Menezes e Gazzotti (1999, p. 368), quando um educador consegue inverter rebeldia em dedicação com auxílio de uma conversa, quando consegue transformar retenções em vitórias e orgulhos, pode ter certeza de que está mais próximo de Deus.

Foi com base nesses referenciais teóricos que a metodologia deste trabalho de pesquisa, com os professores de primeiro segmento do Ensino Fundamental, foi definida.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho aqui apresentado foi pautado por uma pesquisa bibliográfica, de modo que contém uma literatura já tornada pública sobre o tema que foi estudado. Assim, foram revisados materiais impressos, com o objetivo de analisar o que está escrito sobre temática em estudo e que foi possível ter acesso (LAKATOS e MARCONI, 1991, p. 183).

Manzo (apud LAKATOS e MARCONI, 1991, p. 183) relata a importância da pesquisa bibliográfica, uma vez que a mesma: *“Oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”*.

A pesquisa bibliográfica permitiu o diálogo com pesquisadores e autores que vivenciaram e vivenciam o mesmo interesse, possibilitando o confronto de idéias e perspectivas comuns em um mesmo contexto histórico-social (NETO, 1994), no que diz respeito a problemas enfrentados pelo professorado.

O presente trabalho também recorreu à pesquisa empírica, para produzir e analisar dados dentro da óptica exposta pelo material teórico. Campos (2005, p. 14), afirma que *“... estes dados agregam informações pertinentes, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação com a prática e confronto com a teoria”*.

Observando-se os objetivos pretendidos, o presente trabalho recorreu a técnicas de investigação qualitativa que, segundo Parker (apud MENDES, BORGES e FERREIRA, 2002), são um exercício de estudo interpretativo que busca a significação de um determinado fenômeno, e ter uma visão de um determinado problema posto em um foco específico em um local determinado. Porém a análise agregou dados da pesquisa quantitativa, de modo que as duas abordagens pudessem se complementar, favorecendo a compreensão da temática.

O instrumento que foi utilizado para a coleta de dados foi um questionário com perguntas objetivas e duas questões abertas. Neste questionário foram investigados quatro aspectos: caracterização dos professores pesquisados; identificação dos fatores que mais interferem na prática docente; as estratégias adotadas pelos professores para se manterem bem emocionalmente e, por fim, a identificação dos traços da Síndrome de Burnout entre os pesquisados.

Estes aspectos foram abordados por meio de questões, do seguinte modo:

Na primeira questão os itens buscaram traçar um perfil do professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental, presente nas escolas públicas pesquisadas, envolvendo sexo, idade, tempo de atuação como professor, tempo de atuação na Secretária de Educação, carga horária de trabalho, número de vezes que se ausentou de sala de aula, número de vezes que se ausenta de sala de aula por licença médica (a- em toda a trajetória profissional; b- nos últimos três anos), média de dias que costuma faltar ao trabalho durante o ano (a- por problemas de saúde sem atestado médico; b- por outros problemas: familiares ou pessoais).

A segunda questão procurou identificar os problemas que mais incomodam o professor (a – no âmbito da sala de aula; b – decorrentes de situações no âmbito da escola ou dos sistemas sociais). Tratou-se de duas questões com um item aberto e os demais já definidos, para o professor marcar quatro e cinco respectivamente.

A terceira questão refere-se à “Escala de Maslach”, que se trata de um questionário elaborado pela psicóloga social estadunidense Christina Maslach. O instrumento foi desenvolvido em 1986, e é o mais utilizado internacionalmente para se verificar as questões ligadas ao stress laboral crônico. Esta Escala foi traduzida, adaptada e validada no Brasil (CODO, VASQUES-MENEZES, 1999, p. 243; TAMAYO e TRÓCCOLI, 2001, p. 53), sendo utilizada como instrumento para buscar possíveis características de *Burnout* nos professores pesquisados.

A Escala de Maslach, é dividida na tríade: Exaustão Emocional (que trata do stress individual), pesquisada pelas questões de “a” até “i”; Falta de Envolvimento Pessoal no Trabalho (que trata de questões ligadas à percepção pessoal do próprio desempenho), que engloba as questões de “j” até “q” e Despersonalização (que trata de questões ligadas ao endurecimento dos sentimentos da pessoa com relação ao público alvo de seu trabalho), investigada pelas questões de “r” até “v”.

Cada item contido na escala possui sete pontos, sendo que o 0 (zero) indica menor intensidade e o 7 (sete), maior intensidade, para o respondente marcar de acordo com seus sentimentos.

A quarta questão com dois itens abertos foi elaborada para que o professor pesquisado pudesse descrever como e o que faz para administrar suas tensões diárias, para manter o seu equilíbrio e preservar a saúde emocional, em relação aos problemas mencionados na segunda questão.

Este questionário foi aplicado em quatro escolas de diferentes Diretorias Regionais de Ensino do Distrito Federal. Dos 40 questionários distribuídos para os professores que atuam no primeiro segmento do Ensino Fundamental, apenas 20 foram respondidos e devolvidos em tempo hábil.

Os dados dessa amostra foram computados, gerando tabelas de frequência e percentagem das questões fechadas. Com relação às questões abertas, as informações foram sistematizadas para facilitar a análise.

A análise apresentada a seguir é apenas uma exposição para reflexão e jamais uma “verdade” absoluta.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Proceder-se-á a partir de agora a análise dos dados coletados na pesquisa realizada em quatro escolas públicas do Distrito Federal, vinculadas a Gerências Regionais de Ensino distintas.

As respostas dos questionários foram computadas de forma agregada considerando a frequência e percentagem, que são comentadas e representadas em gráficos para melhor visualização dos resultados. A partir dos dados devidamente explicitados, é feita a análise em consonância com a fundamentação teórica.

A análise toma como base os objetivos que consistem em: investigar a incidência das dimensões exaustão emocional, falta de envolvimento pessoal no trabalho e despersonalização entre os professores pesquisados; descobrir o que vem incomodando o professor de modo mais evidente, se é a falta de limite dos alunos, a falta de material, a decepção com os resultados alcançados pelos alunos, os baixos salários, a falta de apoio pedagógico dentre outros, considerando os de âmbito interno à sala de aula e os que estão para além da sala de aula; identificar, junto aos professores, os meios que eles utilizam para administrar tais problemas, preservando sua saúde emocional.

Todo este caminho busca compreender como está a saúde emocional dos professores de quatro escolas do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Na análise, os sujeitos da pesquisa são identificados por um código. Foi atribuída uma letra do alfabeto a cada professor pesquisado, uma vez que o questionário não contemplou identificação dos docentes. Este ato possibilitou cognominar os respondentes, zelando pela identidade de cada um e permitiu maior compreensão dos dados qualitativos das questões abertas.

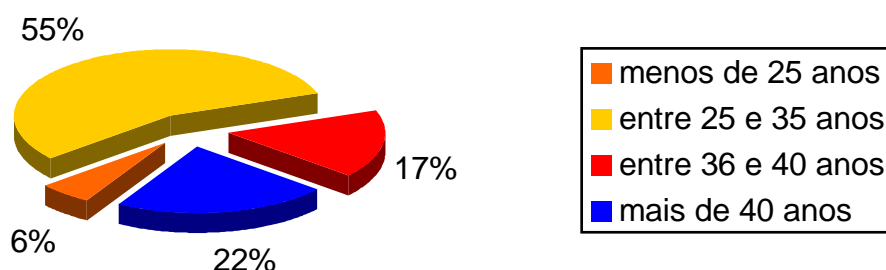
3.1. Caracterização dos sujeitos

Para alcançar os objetivos traçados para este trabalho utilizou-se, como instrumento de coleta de dados, um questionário aplicado a 20 profissionais da área de educação (professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental).

Todos os pesquisados são do sexo feminino, o que comprova a hegemonia da mulher na profissão docente, atuando nas séries iniciais (educação infantil e 1ª a 4ª séries), onde os alunos são mais dependentes dos professores. A profissão docente evidencia-se ainda, hoje, como a profissão dos cuidados com a criança.

A faixa etária dos participantes concentra entre os 25 e 35 anos, como pode ser observado na figura abaixo:

Fig. 1 - Faixa etária dos professores



Estes dados são favoráveis à obtenção de uma maior diversidade de opiniões, tendo-se em vista que os problemas emocionais estudados variam de acordo com a faixa etária e tempo de serviço dos indivíduos.

Outro aspecto pesquisado foi a carga-horária dos professores. Os dados mostram que 100% dos professores pesquisados trabalham 40 horas semanais,

sendo que destas, cinco horas são destinadas à regência de classe e três horas à coordenação pedagógica, diariamente.

Quanto ao tempo de atuação docente na Secretária de Educação, os dados mostram que a grande maioria trabalha a menos de dois anos. No entanto, atuam como professores há mais de dez anos.

Na questão que investigou a quantidade de vezes que os professores haviam se afastado de sala de aula por licença médica, a grande maioria dos pesquisados não respondeu ao item. O mesmo ocorreu na questão que buscou investigar a quantidade de vezes que o professor costuma se ausentar do trabalho por problemas médicos e/ou por outros motivos.

3.2. A saúde emocional do professor, a partir da Síndrome de Burnout

Por meio da aplicação da Escala de Maslach, buscou-se observar se os professores pesquisados apresentam traços que indicam as dimensões do Burnout. Estas dimensões referem-se a: Exaustão Emocional; Falta de Envolvimento Pessoal no Trabalho e Despersonalização.

A incidência destas dimensões na pessoa pode indicar a presença da Síndrome de Burnout. Cada uma delas foi analisada separadamente, e ao final seus resultados foram confrontados.

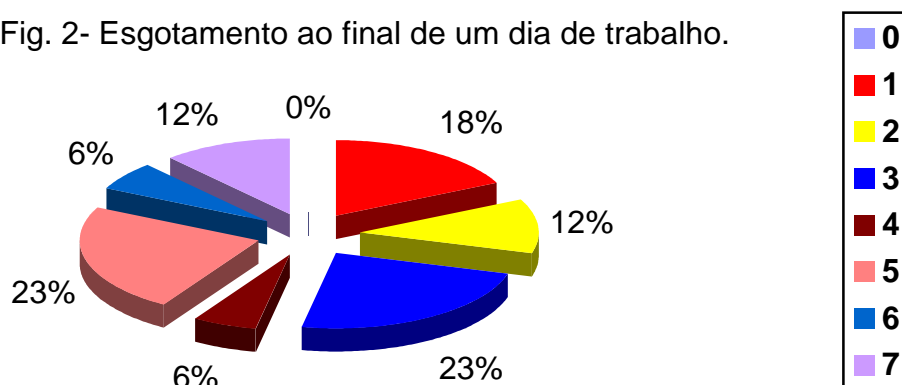
Para facilitar a análise dos dados, dada à escassez de tempo, os sete pontos presentes no instrumento foram reagrupados: de 0 (zero) a 3 (três) e de 4(quatro) a 7(sete), formando dois subgrupos.

3.2.1. Exaustão Emocional

Na Escala de Maslach, o primeiro aspecto pesquisado foi Exaustão Emocional, que trata do stress individual de Burnout.

Constatou-se que 47% dos professores pesquisados apresentam-se esgotados ao final de um dia de trabalho, sendo que deste total, 12% apresentou o índice máximo de sete pontos, como mostra a figura abaixo.

Fig. 2- Esgotamento ao final de um dia de trabalho.



Para poder se compreender esta resposta faz-se necessário que se observe a carga horária atual dos professores, que consiste em 40 horas semanais, havendo professores com carga horária de 20 horas semanais apenas no noturno, em trabalho direto com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ressalta-se que, atualmente, na Secretária de Educação do Distrito Federal, as oito horas diárias de trabalho do professor está dividida em cinco horas de regência de classe e três horas de coordenação pedagógica.

Entretanto é sabido que estas três horas não são suficientes para se realizar todo o trabalho de planejamento e confecção de material necessário à efetivação das aulas, principalmente nas séries de alfabetização. Porém, o motivo maior é o quantitativo de alunos por classe, que gira em torno de 35 a 40 alunos. O fato dos exercícios de extensão serem duplicados no mimeógrafo, e os jogos

de sala serem confeccionados pelos professores, fazem com que o trabalho destes não se limite apenas à escola, ou seja, o professor conclui seu trabalho em casa.

Isto provoca uma série de desconfortos, pois diminui o tempo de descanso, de atenção à família e impossibilita o lazer. Há também a disponibilização de tempo para os cursos que o professor faz fora do horário de trabalho, pois sempre há uma preocupação com a própria formação continuada.

Tudo isto sobrecarrega o professor, causando o cansaço (CODD, 1999). Esta fadiga do professor é também evidenciada quando se observa o percentual de 35% dos respondentes que se sentem exaustos pelo trabalho.

A sobrecarga laboral pode ser o motivo que levou 20% dos pesquisados a marcarem que acorda pela manhã apresentando cansaço. Há também um dado bastante significativo: o percentual de professores que acham que trabalham demais é de 38%. Demonstra-se assim que os professores têm consciência de exercerem uma profissão que é muito exigente em termo de dedicação (fig. 3 e fig. 4).

Fig. 3-Sentimento de trabalho excessivo no emprego.

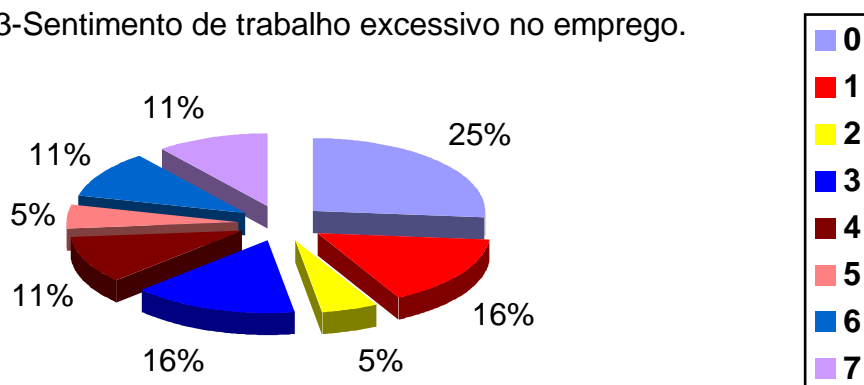
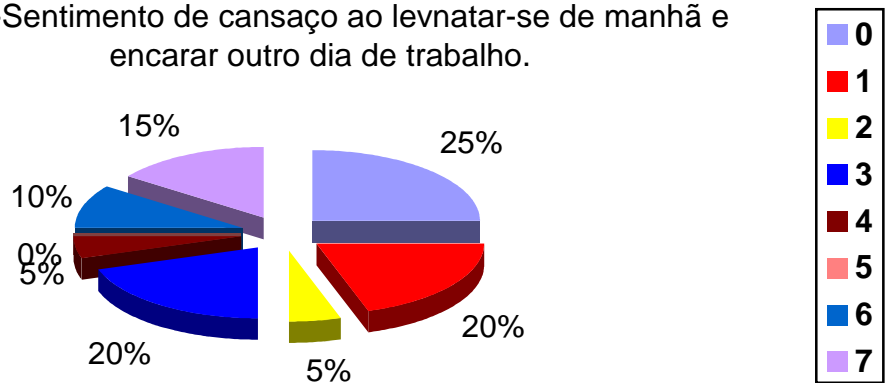


Fig. 4-Sentimento de cansaço ao levntar-se de manhã e encarar outro dia de trabalho.



Dentre os entrevistados, 45% se sentem esgotados pelo trabalho (fig. 5). Este índice merece atenção, pois o esgotamento pode gerar um quadro de stress crônico, o que pode vir a causar distúrbios emocionais, e dentre eles o próprio Burnout. Deve-se levar em conta principalmente pelo fato de 30% dos pesquisados sentirem stress ao lidar com pessoas (fig. 6); 20% sentem que trabalhar com pessoas é um grande esforço (fig.7). A síndrome de Burnout é caracterizada como uma reação à tensão emocional crônica gerada pelo contato direto com outras pessoas (Mendes e Morrone, 2002).

Fig. 5-Sentimento de esgotamento com o trabalho.

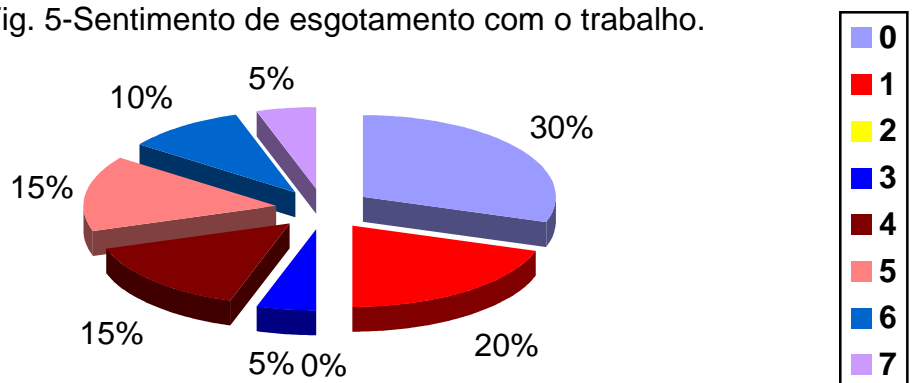


Fig. 6-Sentimento de stress ao trabalhar diretamente com pessoas

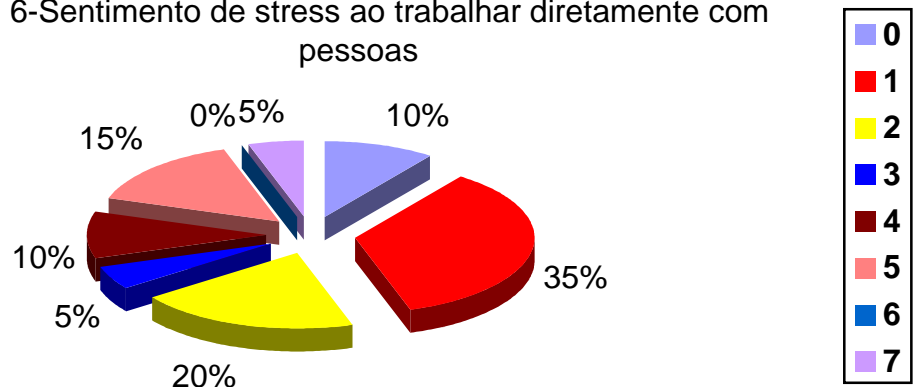
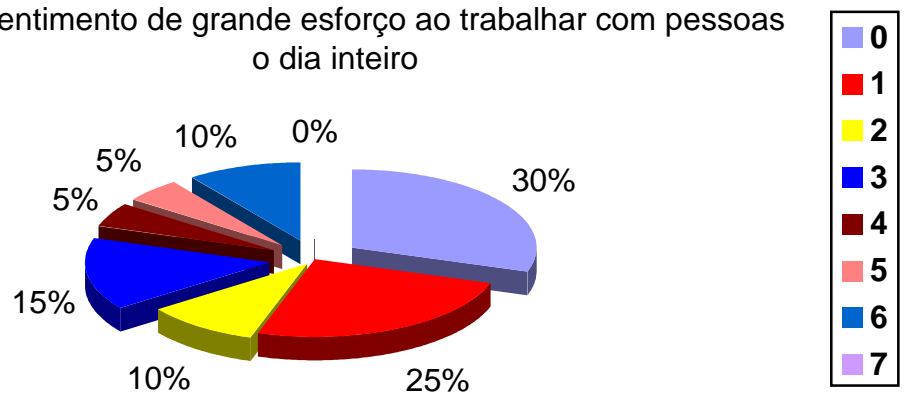


Fig. 7-Sentimento de grande esforço ao trabalhar com pessoas o dia inteiro



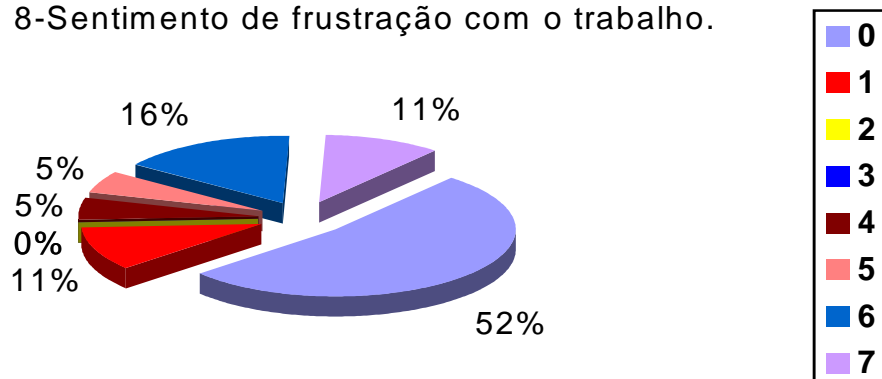
No caso dos professores este quadro se agrava, uma vez que, além do contato direto tem-se também a preocupação com os cuidados com a criança. Esta preocupação torna-se significativa, principalmente nas classes de Educação Infantil, onde se têm até 28 alunos por sala com idade de quatro, cinco e seis anos. É um caso em que o professor não apenas trabalha as habilidades e competências exigidas no currículo, ele também precisa disponibilizar atenção suficiente para todos.

Este quadro é um fator que pode gerar um stress significativo, uma vez que a repetição do fator estressor é diária, repetindo-se cerca de 1000 horas em 200 dias letivos.

Um outro índice que chamou atenção foi a quantidade de professores que se sentem frustrados no trabalho, que foi de 37% (fig. 8). Esta frustração pode ser

devido ao stress laboral propriamente dito, uma vez que foi constatada que o professor sente que trabalha muito e apresenta um elevado nível de cansaço.

Fig. 8-Sentimento de frustração com o trabalho.



Outro motivo pode ser a própria subjetividade da profissão docente, já que não se pode observar no trabalho de sala de aula, de um modo direto, o resultado efetivo do que está sendo produzido. Faz-se importante notar que o trabalho do professor se efetiva no outro por meio do outro mesmo (CODDO, 1999). Ao final de uma aula o aluno é outro, e devido a grande velocidade da mediação docente, o professor pode não perceber este fato e pressupor que trabalha muito e não produz nada, o que pode ser bem observado nas classes de terceira e quarta séries, onde a influência na construção da pessoa, por parte do professor, é menos visível.

A partir dos dados coletados observa-se que os professores entrevistados apresentam traços de esgotamento emocional devido ao contato diário com os mesmos problemas. Ou seja, encontraram-se traços da primeira dimensão do Burnout entre os professores entrevistados.

3.2.2. Envolvimento Pessoal no Trabalho

Na Escala de Maslach a segunda dimensão a ser pesquisado foi a que se refere à falta de envolvimento pessoal no trabalho (que se caracteriza pela percepção do desempenho e do comprometimento com a profissão).

Foi observado que 60% dos professores pesquisados indicaram estar cheio de energia. Este aspecto parece ligado ao fato de 85% dos pesquisados indicarem que sentem que realizam muitas coisas importantes no trabalho.

Fig. 9-Sente-se cheio de energia.

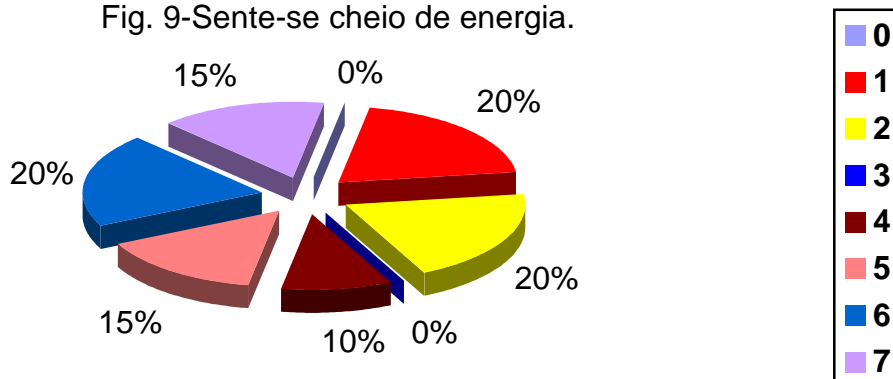


Fig. 10-Realização de muitas coisas importantes no trabalho.



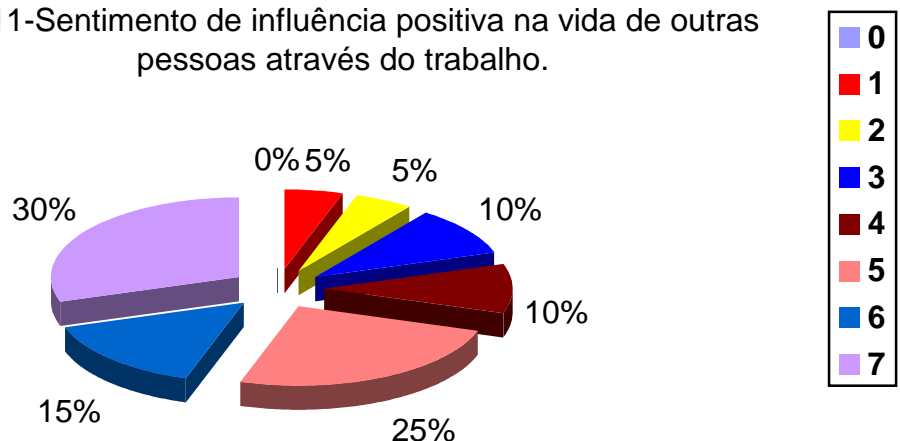
Estes dados vêm a explicitar o comprometimento e a identificação dos professores com a profissão. Quando o professor sente que realiza coisas importantes na profissão demonstra-se comprometido afetivamente com sua clientela. Seu comprometimento não se pauta na relação de troca, força de trabalho e salário, e sim em seus ideais e convicções.

Este comprometimento pode ser observado nas tomadas de decisão e na resolução de problemas como a falta de giz, a falta de lápis do aluno, a compra de um caderno... Algo que é bastante comum no ensino não apenas do Distrito Federal, como também em todo o Brasil, o que acaba por reforçar o alto grau de comprometimento dos educadores brasileiros com a educação.

A observância da dedicação profissional dos docentes mostra que os professores atuam em uma das piores instituições e mesmo assim são bons profissionais. Trata-se de uma situação paradoxal, uma vez que instituição ruim igual a profissional ruim e no caso da educação isto não acontece. Uma prova clara disto é que os alunos continuam aprendendo a ler, escrever, e no caso do Distrito Federal é considerada a melhor educação do país (Soratto e Olivier-Heckler, 1999).

A autopercepção do professor em relação a sua importância se mostra significativa quando se observa os dados referentes aos sentimentos de influência positiva na vida dos outros, que chegou a 80%.

Fig. 11-Sentimento de influência positiva na vida de outras pessoas através do trabalho.



Isto faz com que o professor acabe por buscar entender sua clientela, resolver os problemas da melhor maneira possível, procurando criar um ambiente acolhedor e tranquilo em sala de aula, e reavivando suas energias ao estar lado a lado com o aluno.

Por meio da análise dos dados, pode-se observar que 75% (fig. 12) sentem que podem entender facilmente o que sente a sua clientela. 65% (fig. 13) sentem que tratam de forma adequada os problemas da sua clientela. 75% (fig. 14) sentem que podem criar facilmente um ambiente tranquilo com sua clientela. 50% (fig. 15) sentem que lidam com os problemas emocionais com muita calma.

Finalmente, 45% (fig.16) se sentem estimulados após trabalhar lado a lado com sua clientela.

Fig. 12-Pode entender facilmente o que sente a sua clientela.

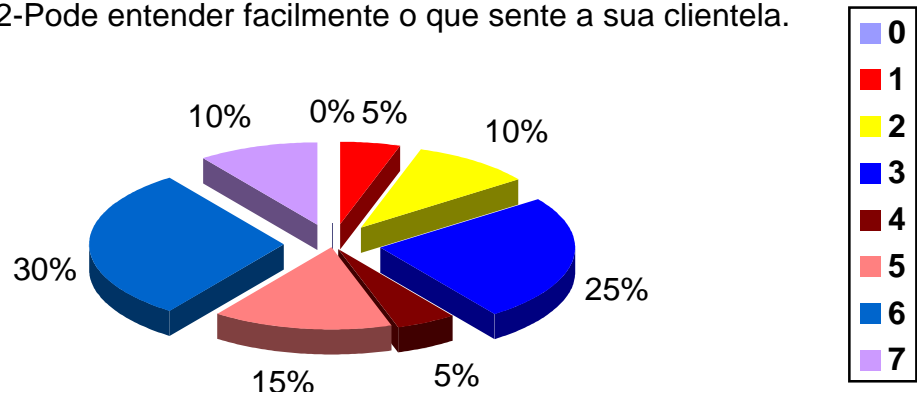


Fig. 13-Tratamento adequado aos problemas da clientela.

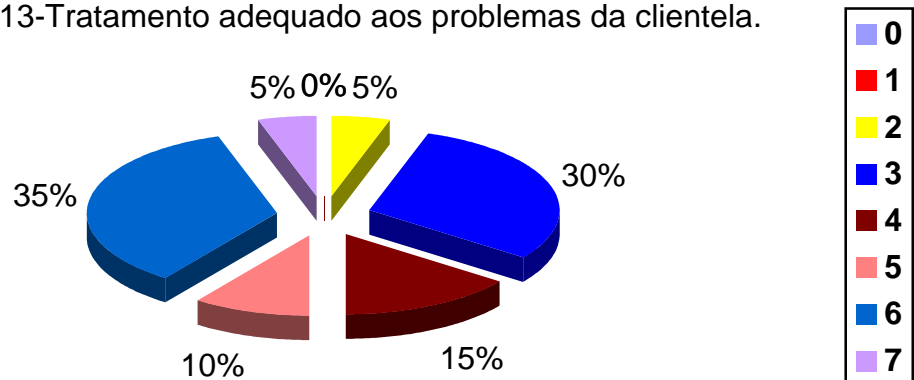


Fig. 14-Sentimento de poder criar facilmente um ambiente tranquilo com a clientela.

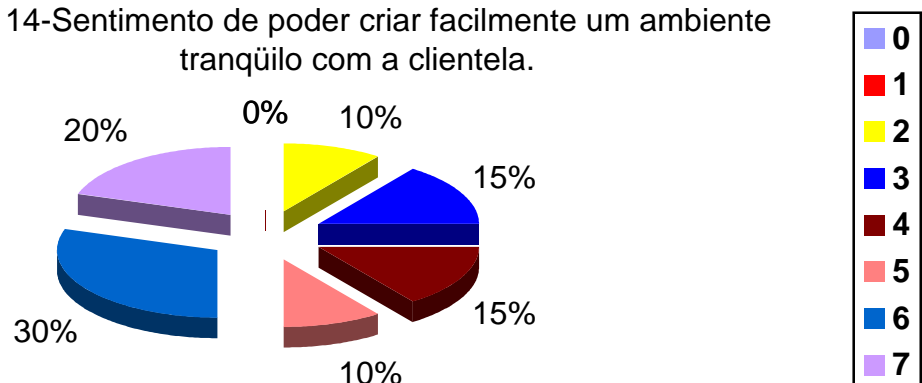


Fig. 15-Gerencia, no trabalho, os problemas emocionais com muita calma.

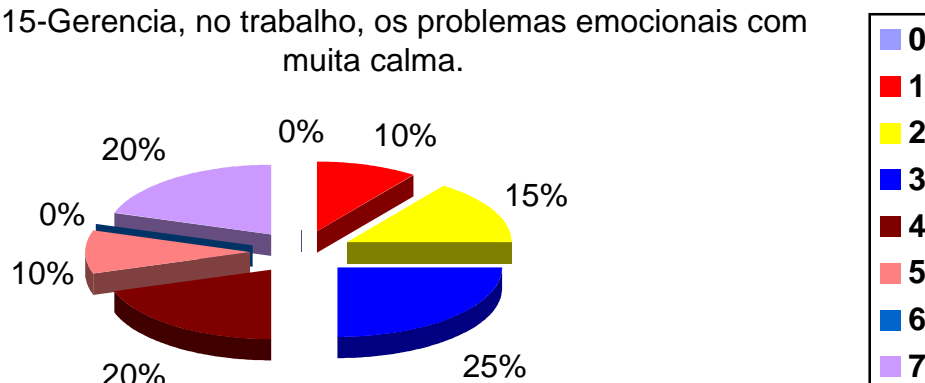
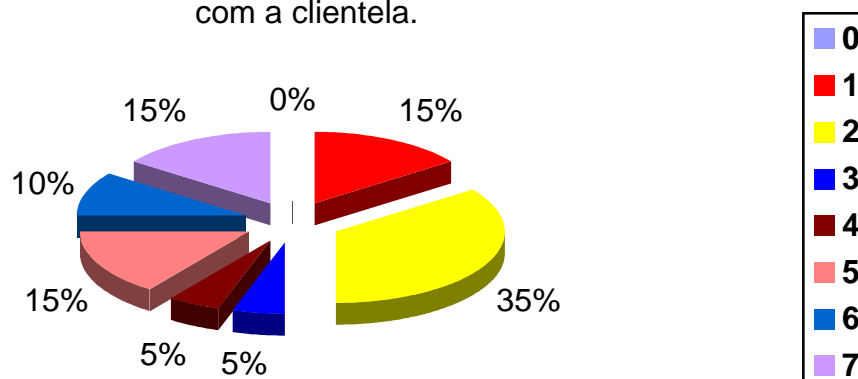


Fig. 16-Sentimento de estímulo depois de trabalhar lado a lado com a clientela.



Da exposição dos dados coletados, percebeu-se que o professor apresenta satisfação no trabalho que realiza. Bem como observa em si mesmo um bom desempenho, um sentimento de competência profissional e comprometimento com seu trabalho e com sua clientela, que são, principalmente seus alunos.

Talvez seja este comprometimento intrínseco que possibilite ao professor continuar seu trabalho mesmo apresentando um elevado índice de cansaço e fadiga, como foi observado ao se analisar a primeira dimensão Exaustão Emocional.

Quanto à dimensão Falta de Envolvimento Pessoal no Trabalho, os professores pesquisados não apresentam este aspecto, de modo a preocupar os

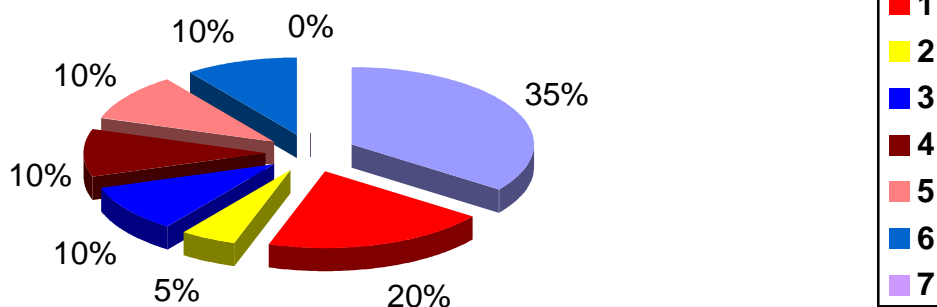
gestores das escolas em que atuam. Eles demonstram comprometimento com o trabalho e disposição para deixar seus alunos felizes.

3.2.3. Despersonalização

A última dimensão a ser tratada é a Despersonalização, que representa o aspecto interpessoal do Burnout. Caracteriza-se pelo distanciamento e por atitudes de dureza para com os beneficiários de seus serviços. É o endurecimento afetivo, é o trato das pessoas destinatárias do trabalho com atitudes negativas.

Os dados mostraram que 30% (fig. 17) dos professores pesquisados sentem que seus alunos os culpam por seus problemas pessoais. Todo trabalho envolve algum desprendimento afetivo. No caso do professor, a relação direta com o aluno é permeada por afeto.

Fig. 17-Sente que os clientes o culpam por alguns de seus problemas.



O afeto é fundamental na relação para que o trabalho seja efetivado. Não se trata apenas de um contato direto, existe mesmo uma sedução por parte do professor para com o aluno. Só desta forma é que a aprendizagem significativa aconteça. Esta constante sedução gera um desprendimento de energia afetiva e significativa, por parte do professor (CODD e GAZZOTTI, 1999).

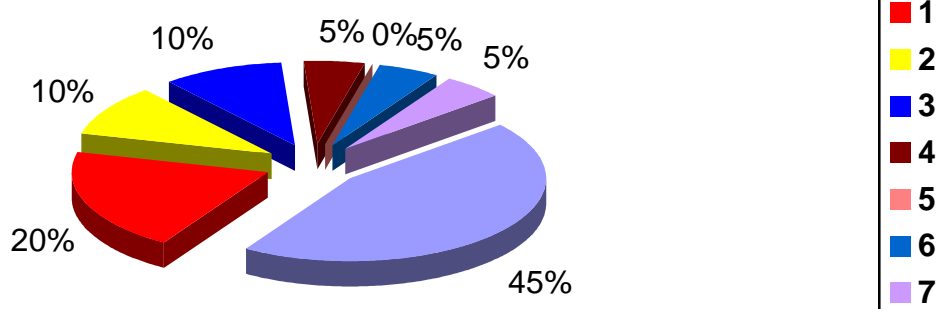
Este contato direto com o ser humano em fase de formação, e que está aprendendo a conviver com suas emoções pode gerar conflitos em sala de aula. Na profissão docente, segundo Nóvoa (1992, p. 9), “*não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana*”.

Toda relação humana gera alguns conflitos, e como o professor administra estes conflitos em sala? Observemos os depoimentos de alguns professores quando questionados sobre como administra os problemas em sala de aula para se manter bem emocionalmente:

“Procuro agir com clama. Quando vejo que vou perder a paciência, me retiro um instante, respiro fundo e tento contornar a situação da melhor maneira possível, para que os alunos não percebam que eles me fizeram perder o controle da situação” (“S”).

Os conflitos gerados pela relação estabelecida em sala de aula causam um stress significativo na vida do profissional da educação. Talvez seja este aspecto que influenciou também os 15% (fig. 18) dos professores que manifestaram sentimento de que o trabalho está endurecendo-os emocionalmente.

Fig. 18-Sentimento de endurecimento emocional perante o trabalho



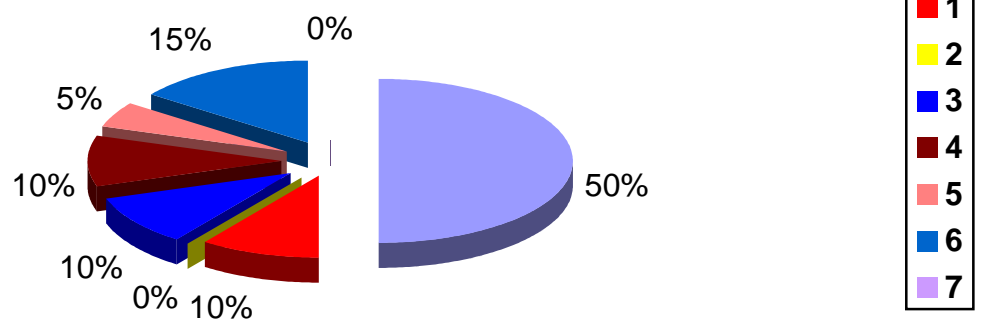
O professor, para não sofrer com os conflitos gerados em classe, cria um endurecimento afetivo que funciona como barreira protetora para suas emoções.

A causa disto pode ser o fato de o professor não ser mais visto como autoridade por parte dos alunos, e não ter mais o seu respeito. Então o professor tem uma quantidade exorbitante de alunos em sala de aula e estes alunos não o vêem como autoridade, e passam a não respeitá-lo. Como lidar com esta situação? Morais (1988) discute esta questão e defende o resgate da autoridade do professor como garantia da liberdade em sala de aula.

Aparentemente a maneira encontrada por alguns profissionais, segundo o que foi observado nos dados coletados, é o endurecimento emocional, ou seja, o professor apresenta a terceira dimensão do Burnout.

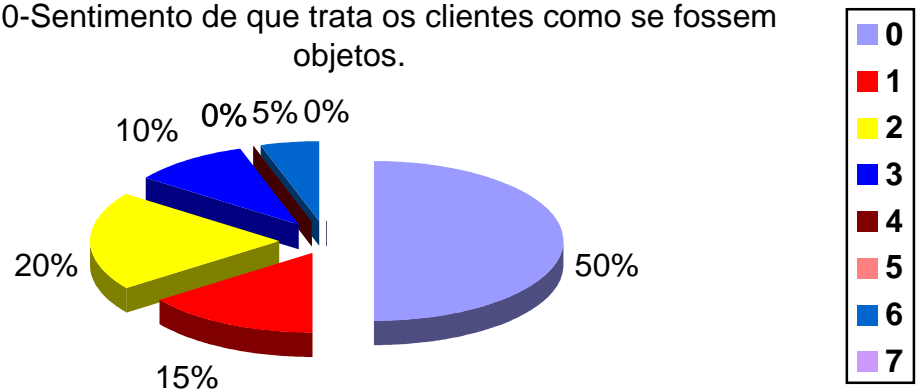
Dos pesquisados, 15% (fig. 19) sentem que não se importam com o que acontece com alguns de seus clientes. Este percentual nada mais é que a efetivação desta proteção emocional. Provavelmente, seja uma rota de fuga para não sentir os conflitos afetivos que a relação direta com os alunos provoca.

Fig. 19-Não se importa com o que acontece com alguns dos clientes.



Tem-se 5% (fig. 20) dos professores pesquisados, com relatos de apresentarem sentimentos de tratar os alunos como se fossem objetos. Neste item tem-se a efetivação da dimensão Despersonalização do burnout .

Fig. 20-Sentimento de que trata os clientes como se fossem objetos.



Nota-se que é um quadro gradativo e crescente. Os primeiros aspectos que indicam a despersonalização parece ser o distanciamento, logo após aparece a insensibilidade e por fim o endurecimento propriamente dito.

Tão gradativo quanto parece ser o surgimento desta dimensão de Burnout parece ser a incidência do sentimento no professorado, sendo necessária uma atenção a este aspecto. Medidas preventivas precisam ser adotadas para que não aumente o número de professores com tais características.

3.3. Fatores que incomodam o professor e interferem em sua prática pedagógica

3.3.1. Problemas no âmbito da sala de aula

A questão III foi elaborada visando analisar fatores que incomodam o professor e interferem em sua atuação. A primeira parte desta questão foi composta de oito itens, sendo que sete deles listam os problemas mais comuns que ocorrem no âmbito de sala de aula, em relação aos alunos e à prática pedagógica do professor. O último item, o professor poderia acrescentar algum outro problema que ele enfrenta.

Foi pedido aos professores que marcassem quatro itens que mais lhes incomodam em seu dia-a-dia. A análise dos dados se deterá nos quatro itens mais marcados.

Pode-se observar na figura 21 que 24% dos professores pesquisados sentem que o desrespeito à figura do docente é o maior problema por eles enfrentado. Observou-se, também que 23% dos professores marcaram que o maior problema é a falta de limites dos alunos.

Observa-se que estes dois itens apresentam certa ligação, uma vez que se o aluno não apresenta respeito para com a figura do professor, não vai apresentar boa disciplina em sala de aula.

O professor deve ser visto como autoridade máxima em classe. Do contrário, o trabalho não se efetiva de forma adequada, os conflitos em sala acabam por se tornarem freqüentes e o stress laboral aumenta seu nível.

É uma situação que acaba causando altos índices de Exaustão Emocional e Despersonalização, observados nas questões anteriores.

O terceiro item mais marcado foi a falta de interesse e de compromisso dos alunos, com 21% dos respondentes. É necessário que se analise também como está a administração dos conflitos sociais por parte dos discentes, para se poder observar melhor esta questão, pois se entende que a criança também passa por conflitos, e devido a pouca vivência não sabe como administrá-lo de maneira adequada. Isto é relatado, uma vez que a pesquisa se efetivou com o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Os dois últimos itens obtiveram 11%. Referem-se ao péssimo estado físico da sala de aula (salas pequenas para um grande número de alunos; mal ventiladas; escuras; etc.), bem como a falta de pré-requisitos dos alunos para a série que estão inseridos.

Quanto à infra-estrutura dos estabelecimentos de ensino públicos, é de fundamental importância, pois quanto melhor for a condição física do estabelecimento de ensino, provavelmente, melhor será o trabalho realizado

Mesmo as escolas do Distrito Federal alcançando boas pontuações no tocante a infra-estrutura (BATISTA e ODELIUS, 1999), ainda se tem escolas feitas de “madeirite”, além de se ter várias escolas ditas provisórias funcionando há mais de 12 anos, sem que as definitivas sejam construídas.

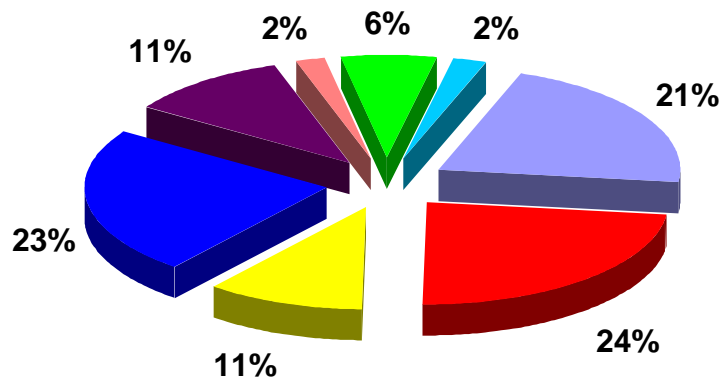
Esta situação aponta para a necessidade de se disponibilizar recursos financeiros por parte do Estado para a infra-estrutura das instituições educacionais, e não apenas isto, mas também a explicitação do destino destes recursos (BATISTA e ODELIUS, 1999).

Quanto ao outro aspecto, também com 11%, que relata a falta de pré-requisito dos alunos para a classe em que cursam, faz-se necessário que se enfatize que os alunos das classes sociais, desfavorecidas financeiramente, apresentam diversos fatores que influenciam em seu desenvolvimento acadêmico.

Pode-se citar a falta de uma alimentação adequada, casos de alcoolismo na família, violência doméstica, falta de diagnóstico de distúrbios de aprendizagem, dentre outros, fazendo-se necessário que o professor observe estes aspectos.

Além desses possíveis problemas, existe a falta de interesse por parte dos alunos. Se o aluno não apresenta interesse não vai haver aprendizagem significativa. Isto dificulta muito o trabalho do profissional, e acarreta um desprendimento de energia afetiva significativo, o que acaba por gerar stress laboral, comprometendo a saúde emocional do professor.

Fig. 21- Problemas que mais incomoda os professores no âmbito de sala de aula



- A falta de interesse e de compromisso dos alunos como educando e estudantes; dentro e fora de sala de aula;
- O desrespeito à pessoa do professor;
- A falta de pré-requisitos dos alunos para a série que estão inseridos;
- A falta de limites nos alunos;
- O péssimo estado físico da sala de aula (salas pequenas para um grande número de alunos; mal ventiladas; escuras; etc.);
- A minha decepção com os resultados demonstrados pelos alunos;
- As dificuldades no relacionamento aluno-aluno e/ou aluno professor;
- Outros: A falta de respeito dos próprios colegas.

3.3.2. Problemas referentes aos sistemas sociais

A segunda parte da questão III complementa as informações sobre fatores que incomodam o professor e interferem em sua atuação, mas com o foco voltado para as situações decorrentes do ambiente escolar e de outros sistemas sociais.

É composta de 11 itens, que listam problemas advindos de fora da sala de aula dando oportunidade, ao professor acrescentar, em seu último item, algum outro problema identificado.

No primeiro item pôde-se encontrar a confirmação do mesmo problema enfrentado pelos professores dentro de sala, pois 21% marcaram a desvalorização profissional do professor como o maior problema enfrentado também fora de sala.

Dessa forma, tanto no ambiente de trabalho quanto na sociedade, pode-se notar que o profissional da educação está sendo atingido em sua auto-estima e na sua identidade, uma vez que desprende enorme esforço emocional para prosseguir com seu trabalho e não percebe reconhecimento.

Já o baixo salário aparece em segundo lugar, com 15%. O professor é um profissional e como tal vende sua força de trabalho (ODELIUS e CODO, 1999). Se não oferece ao trabalhador um salário condizente com suas funções este trabalhador não está sendo valorizado.

Esta desvalorização gera baixa auto-estima, que acaba por abalar a afetividade do profissional da educação, comprometendo sua saúde emocional.

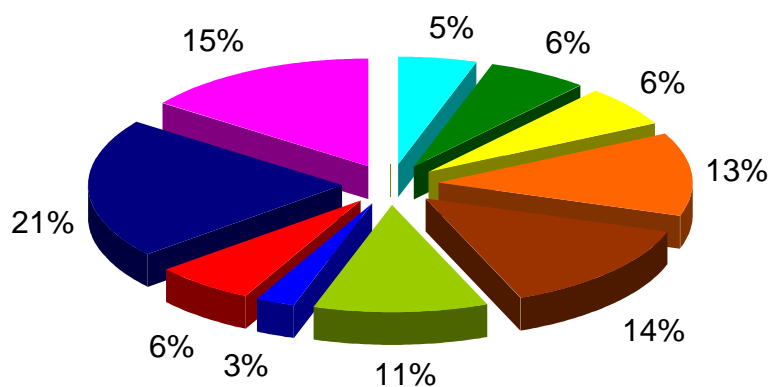
A falta de participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem obteve 14%. Isto pode ser observado na fala da professora "L":

“Os pais deveriam estar mais participativos no processo de aprendizagem, mais dentro da escola, não para somente ver as falhas e sim, principalmente, junto com a direção para tentar resolvê-las. Assim creio que a educação teria mais sentido”.

Demonstra-se que o professor apresenta dificuldade em trazer a família para o seio da escola, sendo evidenciado mais uma vez que o professor realiza seu trabalho muito sozinho.

Outro dado relevante mostra que 13% dos pesquisados indicaram que o que mais os incomoda é a falta de união entre os professores. É sabido que as relações interpessoais são de fundamental importância para a saúde emocional do ser humano. O homem é um ser essencialmente social, ou seja, não nasceu para viver só. Precisa das outras pessoas, das conversas animadas das coordenações para poder manter-se bem emocionalmente. Assim, o convívio social pode evitar a presença de distúrbios emocionais.

Fig. 22-Problemas enfrentados pelos professores decorrentes de outros sistemas da sociedade.



■ Falta de apoio pedagógico;

■ Falta de direcionamento na escola;

■ A falta de recursos materiais para desenvolver o trabalho pedagógico;

■ Falta de união dos professores;

■ Falta de participação dos pais no processo ensino-aprendizagem;

■ Clima de fofoca na escola entre os professores;

■ Falta de estímulo por parte da direção da escola;

■ Desconsideração do trabalho do docente realizado na escola;

■ Desvalorização do professor;

■ Baixo salário.

3.4. Meios encontrados pelos professores para manterem-se bem emocionalmente

3.4.1. Em relação aos problemas evidenciados em sala de aula

Busca-se agora analisar as questões referentes as estratégias que os professores pesquisados utilizam para manter o equilíbrio emocional, tanto em relação aos problemas enfrentados no âmbito da sala de aula, quanto em relação aos problemas relacionados ao ambiente escolar e a outros sistemas sociais.

A primeira questão abordada trata das estratégias utilizadas pelos professores para manterem-se bem em relação aos problemas enfrentados em sala de aula.

Aproximadamente 40% responderam que procuram manter a calma e o equilíbrio nas situações de sala de aula, como pode ser observado nas fala do professor “M”:

“Quando sei que estou no meu limite saio de sala, procuro me acalmar para não seguir os impulsos do momento”.

Observa-se que os conflitos existentes dentro de sala de aula estão se tornando um peso para o professor. É importante observar quantas vezes o profissional necessita sair de sala para se acalmar durante o ano letivo.

Em pesquisas sobre o bem estar dos profissionais que trabalham diretamente com o público, ressalta-se que a principal causa do esgotamento emocional se deve a situações corriqueiras que envolvem tanto o educador quanto o educando. Este quadro de stress emocional já havia sido percebido nas questões referentes à Exaustão Emocional, contidas na Escala de Maslach.

Por meio da análise das respostas apresentadas pelos professores, pôde-se constatar que os docentes têm uma tendência a buscar soluções para seus problemas de maneira solitária. Muitas vezes, busca resolver os conflitos apenas com seus alunos. Como pode ser observado na fala dos professores “P” e “F”:

“Busco resolvê-los na medida do possível com uma boa conversa, orientando e idealizando com meus alunos trabalhos que os envolvam”.

“Procuro conscientizar da importância que eles já exercem ou poderão exercer na sociedade, como crianças e futuros cidadãos, pais e mães de famílias e profissionais”.

Efetiva-se nesta fala que o educador exerce uma atividade que exige atendimento, cuidado e atenção constantes, específicas e particulares. Por outro lado o professor cumpre sua tarefa com dedicação. Porém argumenta que um dos maiores problemas de sala de aula é a falta de limites e interesse dos alunos, como se pode observar na fala do professor “L”:

“A maioria dos problemas em sala para mim atualmente é devido a falta de limites e interesse dos alunos. Isso está vindo de cãs, a onde os pais deveriam dar mais educação e disciplina para seus filhos pois esse desinteresse e falta de educação é apenas um reflexo de sua vida familiar”.

A sociedade atual está passando por uma crise de valores, a maioria das famílias não sabem mais impor limites para seus filhos, não dizem mais “não” para as crianças, e atribuem a tarefa de educar a instituição escolar. No entanto, as famílias, não reconhecem na figura do professor a autoridade competente para tal atribuição.

O reconhecimento do professor enquanto autoridade capacitada e competente para ajudar na educação formal dos destinatários de seus serviços é de fundamental importância para a eficácia do trabalho pedagógico. Esta é mais uma tarefa que o professor enfrenta dentro de sala, a tarefa de se fazer reconhecido enquanto autoridade dentro de classe.

Observou-se também que os professores não buscam o lazer para recompor o seu equilíbrio emocional uma vez que apenas os professores “B” e “G” citaram que costumam se distrair e fazer atividades que relaxem, como ir ao cinema, ler livro e conversar sobre outros assuntos.

O motivo dos professores não procurarem lazer seria a falta de tempo? Faz-se este questionamento, uma vez que, a atividade docente exige muito tempo do profissional. Pode ser também um traço da cultura da categoria: não buscar o lazer como meio de extravasar suas tensões.

Por meio das respostas dadas pelos pesquisados evidenciou-se que o professor não tem uma boa orientação a cerca de como lidar com as tensões do dia-a-dia, uma vez que em algumas perguntas, ao invés de responder a indagação o professor usou o espaço para desabafar. Demonstrando mais uma vez o quanto estes profissionais estão apresentando exaustão emocional e, aparentemente, não encontram meios para lidar com tal situação.

3.4.2. Em relação aos problemas evidenciados nos sistemas sociais

A segunda questão, que se refere a: quais estratégias utilizadas pelos professores para se manterem bem emocionalmente em relação aos problemas decorrentes de situações do ambiente escolar e a outros sistemas sociais.

Em relação ao ambiente escolar os professores relataram que este é propício ao surgimento de “... *grandes problemas...*”, entretanto não relataram quais problemas seriam esses. Os professores relataram que buscam resolvê-los com diálogo.

Em relação aos colegas os pesquisados citaram que o companheirismo deve ser mantido acima de tudo. Sabe-se que as relações interpessoais quando

bem estabelecidas podem proteger o profissional dos desgastes emocionais que o trabalho acarreta.

As conversas e risada que se encontram na sala dos professores nos momentos de coordenação, e que muitas vezes são interpretadas como um momento em que o professor não está fazendo nada, podem ser o alívio que a mente necessita para se permanecer bem. Entre os sorrisos e brincadeiras o trabalho vai sendo efetivado, e vai levando junto o aumento das energias afetivas positivas.

Em relação aos sistemas que transcendem a escola 35% dos professores pesquisados não vêem solução para estas questões. Demonstrando um professorado descrente em relação ao sistema maior da sociedade.

Outro fator evidenciado foi a insatisfação em relação ao salário que o professor recebe para executar seu trabalho. Sabe-se que um salário satisfatório é aquele que possibilita a manutenção das despesas familiares bem como a manutenção da formação continuada do profissional, além de possibilitar a aquisição de livros, revistas e jornais (ODELIUS e RAMOS, 1999).

O atual salário dos professores não possibilita satisfazer os requisitos citados acima. Tão pouco contempla as noites em claro corrigindo provas, ou os finais de semana preenchendo relatórios. Mostrando-se ínfimo diante do esforço que o profissional da educação realiza, dos riscos que ocorre em relação à saúde e dos desejos protelados ou frustrados, como exemplifica a professora "M":

“É muito complicado pois a desvalorização do professor é muito grande mas procuro sempre escutar e através do dialogo resolver os problemas. É o máximo que consigo. Várias vezes já pensei em procurar profissionais mas os recursos financeiros ainda não permitiram”.

Observa-se na fala da professora que a mesma tem consciência da necessidade de procurar um auxílio profissional para o trato de sua saúde

emocional, entretanto não o faz por falta de recursos financeiros. Quantos outros profissionais também convivem com o mesmo dilema?

Constatou-se que os professores apresentam dificuldade para lidar com os problemas referentes aos sistemas sociais, uma vez que em sua maioria utilizou o espaço para desabafos e não para dissertar sobre as perguntas formuladas, indicando um alto nível de insatisfação e de descrença. Juntamente, percebe-se um sentimento de impossibilidade, revelando-se um profissional com traços de desânimo, o que pode vir a gerar mal-estar emocional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência dos professores de sala de aula por problemas de saúde causou a inquietação que culminou na pesquisa realizada. Iniciou-se uma investigação que buscou fatores que estivessem afetando a saúde dos professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental, profissionais que têm a função de fornecer educação formal aos alunos iniciantes da vida acadêmica.

Outrora o Educador era visto como aquele que abdicava de sua vida em função do próximo, tal qual um sacerdote. Na atualidade, a profissão docente não é mais vista desta forma, contudo continua sendo uma abdição, pois exige uma dedicação significativa por parte desse profissional.

A partir da expansão das relações capitalistas, a atividade escolar ganhou novas formas de efetivar suas funções. Nova, também, é a forma como o professor é tratado. Se outrora era "O Mestre", hoje sua valorização quase que não existe. Essa falta de valorização e reconhecimento, aliada a um trabalho exigente gera mal-estar emocional no docente.

A sociedade convive com um professor que está estressado, esgotado, frustrado, ansioso, tenso, depressivo e neurótico. Considera que ele não sabe administrar seus problemas e, no entanto, não lhe fornece auxílio no trato com os fatores estressores de seu cotidiano.

O professor é um ser humano, e sua saúde emocional sofre influência do meio em que ele está inserido (SILVA, ELIAS e SANTANA, 2005). Daí porque o projeto para elaboração deste trabalho teve por intuito maior investigar fatores relacionados à saúde emocional do professor é o que está afetando negativamente.

Existem algumas profissões que apresentam maior propensão ao desequilíbrio. São as profissões cuja demanda afetiva é maior, profissões estas ligadas ao trato com o público, sendo a profissão docente uma delas.

A análise dos dados da pesquisa realizada com 20 professores de quatro escolas públicas do Distrito Federal mostra alguns resultados preocupantes e outros nem tanto, como se pode perceber a seguir.

Observa-se evidência da Síndrome de Burnout e a incidência de aspectos de suas dimensões dentre os professores pesquisados.

Quanto à dimensão Exaustão Emocional, os professores apresentam índices considerados elevados, devido às exigências emocionais que o trabalho docente impõe.

Na dimensão Envolvimento Pessoal no Trabalho, os professores demonstram um elevado comprometimento com seu trabalho.

Quanto à última dimensão, os professores indicam uma gradação de sentimentos que vai desde o distanciamento do aluno, passando pela falta de interesse até chegar ao endurecimento emocional.

Para uma maior compreensão dos fatores que levam a índices tão elevados faz-se necessário que se identifique fatores que interferem na prática pedagógica do professor e os meios encontrados pelos docentes para administrar suas tensões emocionais.

De acordo com a pesquisa realizada, os fatores que mais incomodam o docente dentro de sala de aula é o desrespeito para com a figura do professor, seguido pela falta de limites dos alunos, e pela falta de interesse dos mesmos.

Tem-se também a insatisfação em relação à infra-estrutura das salas de aula, pois se trata de um condicionante importante para determinar a qualidade do ensino.

Já no âmbito da insatisfação referente aos sistemas sociais, o ponto que mais se destacou foi o índice de 21% dos entrevistados que marcaram a desvalorização profissional do professor como o maior problema enfrentado também fora de sala.

Logo depois aparece o problema dos baixos salários, cuja insatisfação foi revelada por 15% dos professores. Tal fato acaba por comprovar a desvalorização do trabalhador, pois se não se oferece ao trabalhador um salário condizente com suas funções é sinal de que este trabalhador não está sendo valorizado.

A falta de participação da família no processo de aprendizagem obteve índice igual a 14%, acompanhado da falta de união entre os professores, com 13% de indicação.

Já os procedimentos que os professores utilizam para se manterem bem emocionalmente nos aspectos referentes à sala de aula, foram descritos pelos próprios professores da seguinte forma:

Aproximadamente 40% responderam que procuram manter a calma, respirando fundo, saindo um pouco da sala de aula. Observa-se assim a intensidade do stress gerado nas relações de sala de aula.

Ficou evidenciado também que os professores não buscam o lazer para recompor o seu equilíbrio emocional, uma vez que apenas os professores “B” e “G” citaram a realização de atividades para relaxar, como ir ao cinema, ler livro e conversar sobre outros assuntos.

A partir desses resultados, pode-se dizer que os professores não buscam uma atividade de lazer, bem como não demonstram saber lidar com as tensões do dia-a-dia. Foi registrado em algumas respostas, ao invés da resposta direta ao que se perguntou, comentários feitos pelos pesquisados com o objetivo de desabafar. Explicita-se aí o quanto estes profissionais estão apresentando fragilidade emocional e, aparentemente, não encontram meios para lidar com tal situação.

Já em relação ao que os professores fazem para manterem-se bem emocionalmente em relação aos problemas sociais há as seguintes observações:

- Em relação aos problemas com os colegas os pesquisados citaram que o companheirismo deve ser mantido acima de tudo, ou seja, as conversas e risadas que se encontram na sala dos professores nos momentos de coordenação, e que muitas vezes são interpretadas como um momento em que o professor não está fazendo nada; mas constituem o alívio que a mente necessita para se recompor e permanecer bem, uma vez que, entre os sorrisos e brincadeiras o trabalho vai sendo efetivado, e vai reforçando as energias afetivas positivas.

- Em relação aos Sistemas que transcendem a escola, 35% dos professores pesquisados não vêem solução para tais questões, demonstrando um professorado descrente em relação ao sistema maior da sociedade.

Os resultados desta pesquisa apontam que a falta de limites e interesse por parte dos alunos para com o professor, o desrespeito a pessoa do professor, o estado físico ruim das salas de aula, a falta de material, a falta de participação da família, o clima de fofoca no ambiente escolar, os baixos salários são alguns fatores que interferem na saúde emocional do professor de forma negativa e, por conseguinte, acabam por interferir em sua prática pedagógica.

Os componentes da tríade do Burnout devem ser analisados separadamente e, segundo esta pesquisa, a “Exaustão Emocional” e “Despersonalização” foram evidenciados, enquanto que a “Falta de Envolvimento Pessoal” no trabalho não apresentou índices significativos. Os resultados mostram que apesar da desvalorização do professor, da sua falta de reconhecimento, da insatisfação com o salário e outros problemas que enfrentam na sala de aula e fora dela a grande maioria desses profissionais mantém-se comprometida com seu trabalho docente, mesmo experimentando desgaste físico e mental, que o exercício da função acarreta.

Conclui-se então que, a análise das condições emocionais do professor de acordo com a compreensão da Síndrome de Burnout demonstrou que o professorado necessita de atenção quanto ao seu desgaste emocional e que mais estudos devem ser realizados neste sentido.

Evidenciou-se a necessidade de se realizar novos trabalhos de pesquisa acerca do tema envolvendo profissionais de diferentes áreas do conhecimento para que o universo afetivo que permeia as relações do trabalho docente seja mais bem compreendido.

Finalmente, pode-se dizer que o trabalho também é fonte geradora de bem-estar e, como tal, influencia diretamente a vida cotidiana da pessoa. Assim compreendido, o trabalho deve ser fonte de prazer e satisfação para propiciar harmonia e equilíbrio à vida fora do trabalho.

Parafraseando Vasques-Menezes e Gazzotti (1999), diante dos resultados desta pesquisa confrontados com resultados das pesquisas relatadas na primeira seção deste trabalho, pode-se dizer que um educador, quando consegue inverter rebeldia em dedicação com auxílio de uma conversa, quando consegue transformar retenções em vitórias e orgulhos, pode ter a certeza de que está mais próximo de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CODO, Wanderley (org.) **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes/ Brasília : Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda **Mini Aurélio Século XXI Escolar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

JESUS, Saul Neves, **Motivação e Formação de professores**. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A., **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 8 ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 2004.

MENDES, A. M.; BORGES, L. O. & FERREIRA, M. C. (org.). **Trabalho em transição saúde em risco**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MINAYO, Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORAIS, Regis (org.). **Sala de aula: Que espaço é este?** Campinas: Papyrus, 1988.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores**. 2 ed. Portugal: Porto, 1992.

OLIVEIRA, Jorge Leite de **Textos Acadêmicos Técnicas de Redação e de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SEIDEL, Roberto H. **Manual Teórico e Prático para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos Estrutura e apresentação de teses, dissertações, trabalhos de Conclusão de Curso, Segundo as Normas da ABNT.** Recife: Nossa Palavra, 2004.

SILVA, Andréia Cristina da; ELIAS, Cárita Alessandra Moura Sá; SANTANA, Denice Matutino. **A influência da prática pedagógica na Emocionalidade do Educador de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.** 2005. 72 f. Tese (Graduação em Pedagogia). – Faculdade de Ciências da Educação, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, Distrito Federal.

Apêndice

Caro Professor,

Este questionário tem por objetivo investigar as condições de saúde emocional do professor, tendo em vista a elaboração de um Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia no Uni CEEUB.

Lembre-se de que não precisa se identificar, uma vez que os dados serão analisados de forma aglutinada. O importante é a veracidade das informações.

Agradecemos por sua atenção e colaboração.

Os professores responsáveis

QUESTIONÁRIO

I - Nos itens abaixo, marque X de acordo com seus dados pessoais.

1 – Sexo: () Feminino () Masculino

2 - Faixa etária: () menos de 25 anos () entre 25 e 35 anos
() entre 35 e 40 anos () mais de 40 anos

3 - Tempo de atividade docente ou de atuação como professor: ____ anos e ____ meses.

4 – Carga-horária semanal atual: () 20 horas () 40 horas

5 - Tempo de serviço na Secretária de Educação do DF: ____ anos e ____ meses.

6 – Número de vezes que já se afastou da sala de aula por licença médica:

- a) em toda a sua trajetória profissional: _____
- b) nos últimos três anos: _____

7 – Média do número de dias que costuma se ausentar do trabalho **durante o ano**:

- a) por problemas de saúde (sem atestado médico)
- b) por outros problemas (familiares ou pessoais).

II - Nas assertivas abaixo, cada afirmativa possui números que indicam a intensidade da afirmação, num total de 7 pontos. Marque X no número que melhor descreve seu sentimento, considerando que 0 (zero) significa que a situação nunca ocorre e que o 7 indica que ela ocorre sempre, diariamente, constantemente. Quando se falar de cliente, pense em seus alunos. Eles e suas famílias são nossos clientes na escola. (sendo o 0 = nunca e o 7= a diariamente)

a) Eu me sinto esgotado ao final de um dia de trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

b) Eu me sinto como se estivesse no meu limite.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

c) Eu me sinto emocionalmente exausto pelo meu trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

d) Eu me sinto frustrado com o meu trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

e) Trabalhar diretamente com pessoas me deixa muito estressado.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

f) Eu me sinto esgotado com meu trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

g) Eu sinto que estou trabalhando demais no meu emprego.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

h) Eu me sinto cansado quando me levanto de manhã e tenho que encarar outro dia de trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

i) Trabalhar com pessoas o dia inteiro é realmente um grande esforço para mim.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

j) Eu me sinto muito cheio de energia.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

k) Eu me sinto estimulado depois de trabalhar lado a lado com a minha clientela.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

l) No meu trabalho, eu lido com os problemas emocionais com muita calma.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

m) Eu posso criar facilmente um ambiente tranqüilo com a minha clientela.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

n) Eu sinto que estou influenciando positivamente a vida de outras pessoas através do meu trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

o) Eu trato de forma adequada os problemas da minha clientela.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

p) Eu posso entender facilmente o que sente a minha clientela.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

q) Eu tenho realizado muitas coisas importantes neste trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

r) Eu sinto que os clientes me culpam por alguns dos seus problemas

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

s) Eu sinto que eu trato alguns dos meus clientes como se eles fossem objetos.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

t) Eu acho que me tornei mais insensível com as pessoas desde que comecei esse trabalho.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

u) Eu acho que este trabalho está me endurecendo emocionalmente.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

v) Eu não me importo realmente com o que acontece com alguns dos meus clientes.

0() 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7()

III - Na atualidade, os professores enfrentam vários problemas no seu fazer pedagógico. Dentre os problemas relacionados abaixo, marque os quatro que mais lhe incomodam no âmbito de sua sala de aula, em relação a seus alunos ou à prática pedagógica.

- () A falta de interesse e de compromisso dos alunos como educandos ou estudantes; dentro e fora da sala de aula;
- () O desrespeito à pessoa do professor;
- () A falta de pré-requisitos dos alunos para a série em que estão inseridos;
- () A falta de limites nos alunos;
- () O péssimo estado físico da sala de aula (salas pequenas para um grande número de alunos; mal ventiladas; escuras; etc.);
- () A minha decepção com os resultados demonstrados pelos alunos;
- () As dificuldades no relacionamento aluno-aluno e/ou aluno-professor;
- () Outros (citar): _____

IV - Agora, marque os cinco maiores problemas enfrentados por você, decorrentes de situações no ambiente escolar ou de outros sistemas da sociedade.

- () Falta de apoio pedagógico;
- () Falta de direcionamento na escola;
- () A falta de recursos materiais para desenvolver o trabalho pedagógico;
- () Falta de união dos professores;
- () Falta de participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem;
- () Clima de fofoca na escola entre os professores;
- () Falta de estímulo por parte da direção da escola;
- () Desconsideração do trabalho docente realizado na escola;
- () Desvalorização profissional do professor;
- () Baixo salário;
- () Outros (citar): _____

V - Levando em consideração os dois itens acima, como você administra tais problemas **no sentido de manter-se em equilíbrio e preservar sua saúde emocional?**

a) Em relação aos problemas enfrentados em sala de aula, como você age?

b) Em relação aos problemas provenientes do ambiente escolar e de outros sistemas, como tem procedido? _____
